

SERVIDORES FANTASMAS

Wanju Duli

2020

Sumário

Introdução.....	5
Capítulo 1: O que são servidores?.....	18
Capítulo 2: Como criar servidores?.....	42
Capítulo 3: Servidores Fantasmas.....	57
Capítulo 4: Modelos.....	77

Introdução

Boa madrugada, belíssimos leitores! Mas isso já é o bastante sobre vocês. Agora, vamos falar sobre mim.

Mas antes... permitam-me um pouco de adivinhação. Eu sempre disse que a adivinhação era meu ponto mais fraco em magia. Mas eu posso supor que se você está lendo meu livro tenha algum interesse em magia do caos. Mais que isso: você sabe mais que o básico de magia.

Acertei? Se esse é o primeiro livro que você lê sobre magia ou magia do caos, eu sinto muito. Sinto muito mesmo. Não vou facilitar a sua vida.

Tive a ideia para escrever esse livro às 2 da manhã do dia 1º de agosto de 2020. Estamos no meio da pandemia do coronavírus. Ainda não temos uma vacina. Estamos realizando distanciamento social e quando saímos na rua usamos máscaras. Você que está lendo meu livro em agosto sabe disso, mas eu gosto de deixar registrado para a posteridade. Assim como deixei registrado uma piada sobre a Copa no meu livro “Salve o Senhor no Caos” porque eu o escrevi quando o Brasil perdeu feio para a Alemanha.

Eu gosto de contexto. Agrada-me a ideia de uma magia que não seja totalmente separada da vida real. Nós não somos apenas mente. Temos um corpo. A não ser que você compre aquela velha ideia do cérebro numa cuba.

Eu já passei muito tempo da minha vida (mais do que eu gostaria) discutindo se o mundo existe, se eu existo e pensando em pendurar um pôster do Berkeley na minha parede (infelizmente essa última parte nunca aconteceu. Teria sido legal).

De qualquer forma, hoje em dia eu sou uma pessoa mais prática. OK, nem sempre. Mas pelo menos sou mais prática que antes. Eu gosto de fantasia, imaginação, arte, filosofia. Eu não deixei de gostar dessas coisas e não quero deixar. Eu apenas descobri outras belezas interessantes além dessas.

E você sabe o que é amor. Quando você ama... ah! É arrebatador.

Sabe aquela velha discussão se você pode separar autor e obra? Eu não tenho uma resposta definitiva para ela. Mas e se de repente eu decidir me tornar uma serial killer, isso significa que ninguém mais lerá meus livros? Ou talvez o meu público apenas mude: um público de assassinos em série. Seria uma virada curiosa na minha vida.

Devo informá-los que eu não tenho planos de me tornar uma assassina em série por enquanto. Caso essa informação faça alguma diferença.

Sou atualmente da opinião (minha opinião muda com certa frequência) de que você não precisa necessariamente saber algo sobre o autor para apreciar sua obra. Portanto, se eu não contasse nada a meu respeito e apenas escrevesse sobre magia do caos, isso não seria uma tragédia.

Contudo, acredito que possa ser interessante que eu conte certas curiosidades sobre mim que tenham relação com a escrita desse livro. Por exemplo, eu queria explicar porque eu acho que o corpo é importante.

Acabei de interromper a escrita para tomar um remédio para minha dor no ombro. Há poucos dias consultei uma traumatologista e uma fisioterapeuta. Após mais de quatro meses seguidos sem botar um pé para fora de casa (nem nos retiros que fiz em mosteiros eu bati esse recorde), sem fazer exercícios físicos e ficando literalmente o dia inteiro na frente do computador, há mais de uma semana comecei a sentir uma dor forte no ombro direito por usar o mouse numa posição inadequada.

E essa é toda a história da minha vida. Fim.

Mas... há mais.

Quando somos jovens, frequentemente esquecemos que temos um corpo. Nós às vezes pensamos que nossos sentimentos são completamente desconectados da nossa parte biológica, mas não é bem assim.

Em primeiro lugar, para ter sensações é preciso estar vivo. Ou será que não? E os Deuses?

Ah, os Deuses. Eles não são totalmente apaixonantes?

Já vi filósofos suspirando de paixão ao contar as histórias dos Deuses gregos. Não que eles realmente acreditem nos Deuses gregos. Duvido muito que filósofos façam oferendas para eles hoje em dia (ao menos não a maioria deles, creio eu. Seria uma honra que os poucos que fazem estivessem lendo meus livros!)

Permita-me te contar uma coisa. Eu amo a vida, amo os seres humanos e não humanos. Mas o meu amor é grande demais, então eu queria amar mais. Amo também os espíritos, Deuses e tudo mais que houver.

Mas ainda há muito amor. Então eu também posso amar os seres inventados. Mas eu não ficaria satisfeita somente com um amor de mentira. É isso que eu gostaria de explicar.

É claro que podemos “enganar” os sentimentos. Nós podemos chorar de emoção lendo um livro de ficção, vendo um filme, jogando um jogo. Não é que esses sentimentos não sejam reais. E não é que essas coisas não existam realmente.

Eu acho que os seres inventados existem em mundos paralelos, mas eu provavelmente penso isso porque eu li um livro (“On the Plurality of Worlds”) daquele filósofo genial chamado David Lewis. O autor defende a existência real de unicórnios, dragões e burros falantes. Ele encheu seu livro com um monte de matemática, então muitos acreditaram nele porque ficaram com vergonha de admitir que não entenderam quase nada da explicação.

Eu também não entendi, mas achei a proposta ousada e elegante. E, não há como negar, é um autor de peso para que caoístas cite para apoiar suas maluquices.

Numa palestra dos Médicos Sem Fronteiras que eu assisti uns anos atrás, doença foi definida da seguinte forma: “estar doente é não ter a mesma doença de seus vizinhos”. Podemos definir loucura de forma semelhante: “ser louco é não ter a mesma loucura de seus vizinhos”.

No século XXI o ateísmo está em alta, mas mesmo nos dias de hoje a maior parte da população mundial ainda acredita em Deus. Quando se trata de uma loucura compartilhada não é mais loucura. É o contrário: quem não acredita em Deus passa a ser o louco. Afinal, nós sempre precisamos de um louco, de um bode expiatório em quem colocar a culpa pelos males que ocorrem no mundo. Mas isso é outra história.

Na Idade Antiga, um cético não era necessariamente alguém que clama alegremente que “tem certeza que não há certezas”. Poderia ser alguém com um espírito questionador. Eu aprecio esse espírito.

Mas você não pode viver flutuando no ar o tempo todo. Nem os anjos fazem isso, porque conforme a tradição (leia-se São Tomás de Aquino) os anjos não habitam o plano material.

Você precisa de algum tipo de chão para sobreviver. Pelo menos ar e comida. E, é claro, de amor.

Mas e se você não acredita no amor? Talvez possa ser feliz se acreditar em outras coisas. Ou talvez você nem mesmo acredite nessa história de ser feliz.

Em termos práticos, acredito que valha a pena acreditar no amor. É algo que você sente e é difícil explicar. Mas a outra pessoa sabe do que você está falando. É uma existência humana compartilhada.

Deus é algo parecido. Ou Deuses, como preferir.

Há diferentes tipos de caoístas. Nenhum é igual ao outro. Assim como há diferentes tipos de pessoas que acreditam em Deus.

“Mas o que raios é um caoísta?” se perguntam os 0,01% dos leitores do livro que caíram aqui de paraquedas.

Dizem que há os alquimistas invejosos e os caridosos. Os invejosos criam imagens de alquimia para confundir os adversários, para que eles não produzam a pedra filosofal antes deles. Os alquimistas caridosos dão dicas porque consideram os outros alquimistas como companheiros.

Esta sou eu sendo caridosa. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o pessoal estava meio deprimido nos anos 50. Surgiu

até um negócio chamado dadaísmo durante a Primeira Guerra, para você ver como a humanidade andava bem pirada com tudo aquilo. Quando uma guerra acontece, você até tenta fazer piada e esquecer, mas depois que uma segunda ocorreu, não havia mais clima para piadas.

“Geração Perdida” foi um termo usado para a geração sem direção no mundo pós-guerra. Embora utilizado após a Primeira Guerra, podemos entender que a geração após a Segunda Guerra também sentiu uma desesperança parecida.

Nos anos 60 surgiram diversos movimentos de contracultura. Após duas guerras, após tanta morte, o que realmente podemos esperar da vida? Os valores estabelecidos não foram apenas questionados. Cuspiu-se em cima deles.

A magia do caos surgiu na década de 70. Uma época em que movimentos de contracultura já estavam mais maduros. Uma das influências para a magia do caos, Elric de Melniboné, personagem de fantasia de Michael Moorcock criado na década de 60, resume bem o período. Há uma batalha entre os senhores do Caos e os senhores da Lei.

O símbolo da magia do caos é a caosfera. Moorcock foi uma forte influência para que os magistas do caos a adotassem. A caosfera aponta para várias direções, mostrando suas vastas possibilidades.

Nós não estamos mais na década de 70, mas mesmo em 2020 é possível nos identificarmos com o que ela representa.

Atualmente estamos passando por um período de pandemia. Embora não seja tão terrível quanto uma guerra, tem gerado muitas mortes e medo.

Ainda não sabemos como será o mundo pós-pandemia e que tipo de arte essa geração irá criar. Que tipos de questionamentos surgirão.

Porém, ter em mente que a magia do caos foi um fruto tardio de movimentos de contracultura, que por sua vez foram surgindo das gerações insatisfeitas com o mundo do período pós-guerra, pode gerar na nossa época uma identidade.

A magia do caos, nesse momento, talvez seja mais relevante do que imaginamos. E estranhamente atual.

Afinal, o mundo sempre enfrentará situações difíceis. Não foi a primeira vez que esse século ou o século passado se deparou com guerras e pandemias.

Mesmo assim, sempre teremos algo novo a dizer. Ou dizer as coisas antigas de formas novas.

Sempre que eu escrevo um livro de magia do caos eu digo que não irei explicar o que é magia ou magia do caos. Que irei direto ao assunto, mas não adianta. É necessário passarmos por essa etapa, ao menos de forma geral.

Eu, como muitos de vocês, não comecei na magia do caos. Eu estudei primeiro o que chamamos de magia tradicional. Cada pessoa se interessa por magia por um motivo diferente, mas eu vou explicar o meu.

Eu não estava satisfeita em viver apenas num mundo de mentira, de plástico. Eu amo literatura, filmes e jogos. Sempre vou amar. Mas eu queria mais.

Eu lia livros de fantasia com magos e eu queria descobrir se havia uma magia real nesse mundo. Então fui atrás dos grimórios “de verdade”.

Verdade. Há uma magia real nessa palavra. Um encanto, uma sedução.

Eu descobri que sim, há magia de verdade e magos de verdade. Fiquei muito empolgada e comecei a praticar vários exercícios básicos de magia: fitar a chama de uma vela, criar esferas de energia, sentir a energia das plantas, fazer feitiços, meditações (confesso que eu me empolguei um pouquinho demais nas meditações).

Eu sentia coisas incríveis. Descobri um mundo novo. Os estados alterados de consciência eram viciantes. Mas e daí? Então magia era nada mais que uma droga para ter um barato? Mas isso eu também podia conseguir com menos esforço, comprando chocolate.

Foi aí que eu descobri o encanto das religiões. As religiões diziam que a magia era uma parte, um meio e não um fim. Por

exemplo, no budismo e no hinduísmo você pode adquirir poderes especiais quando atinge estados alterados de consciência. Porém, quem deseja atingir a iluminação não poderia se deixar “distrair” por esses poderes. Deveria seguir em frente.

Mesmo que você não tenha lido As Mil e Uma Noites, certamente conhece a história de Aladdin. Eu li quando era adolescente e eu me lembro que a história original de Aladdin é um pouco mais complicada do que mostram no desenho ou no filme. Então vamos nos ater à história que conhecemos, para simplificar.

A lâmpada é o grande prêmio. Mas há certas distrações no meio do caminho. Quanto às “distrações” ou o resto do tesouro menos valioso, as pessoas se dividem. Há quem diga que os estados alterados de consciência, ou jhanas, podem servir de consolo para nos empolgar ainda mais na busca final pela lâmpada. Outros dizem que temos que ficar na seca: foco na lâmpada!

Então por um tempo minha visão da magia carregou essa dualidade meio hindu/budista. Até que o cristianismo me forneceu uma visão nova sobre a magia.

Se considerarmos que rezas de petição (um nome elegante para rezas em que pedimos algo para Deus) carregam alguma semelhança com magia, é relevante saber que esse tipo de reza em que se pede mesmo por coisas “mundanas” (um carro, uma casa, um emprego, etc) são encorajadas no cristianismo, pois fortalecem nossa humildade. É uma forma de admitir que precisamos de ajuda, que não somos capazes de fazer tudo sozinhos.

A operação de Abramelin me trouxe reflexões adicionais sobre a magia. Há todo aquele papo de “o verdadeiro mago não usa quadrados mágicos, ele só busca o puro contato com o anjo”. Pois os místicos cristãos vão retrucar que se você quer mesmo ser puro não deve pedir nem mesmo a visão do anjo. Eles te dirão que é mais puro ter fé sem provas e que você deve

se contentar com as migalhas jogadas aos cachorros. Seja apenas um cão de Deus, como São Domingos.

De um lado estão os budistas conservadores, dizendo que você deve buscar apenas a iluminação e que não deve se distrair com os estados alterados de consciência. E concordando com eles estão os místicos cristãos, dizendo que não devemos “pedir” uma visão, como fazem aqueles que realizam a operação de Abramelin.

A que conclusão chegamos? Que os budistas e os cristãos conservadores seguem uma forma mais “pura” de espiritualidade? E que quem pratica magia está sendo superficial? Principalmente quem se envolve com feitiços?

Eliphas Levi usava os termos alta magia e baixa magia. Falamos em Caminho da Mão Direita e Caminho da Mão Esquerda. Mas dê um desconto para Eliphas Levi porque ele era um ex-seminarista.

A magia do caos seria, por definição, a magia que não se encaixa. Mas ela é frequentemente referida como Mão Esquerda.

Confesso que eu me aborreço frequentemente com essa história de uma magia mais “pura”. Eu gosto do conceito de uma magia com objetivos religiosos, espirituais, mais no sentido de encontrar Deus, sua missão, etc. Acho que soa poderoso.

Mas também acho meio arrogante considerar esse como o único caminho válido. As pessoas são diferentes, tiveram experiências diferentes. Eu gosto muito de religiões, mas entendo quem não gosta. Muita gente se identifica muito mais com uma linguagem de magia.

A magia, particularmente magia do caos, também pode ser excelente para atrair um público jovem que está de saco cheio de regras. Ninguém quer ouvir “você deve fazer isso” quando não é dito com amor.

Cada religião e cada caminho de magia me deram ensinamentos diferentes, que se complementaram. Atualmente eu me defino como uma cristã particularmente católica que gosta muito de islamismo. Pela primeira vez, estou aprendendo de forma séria o alfabeto árabe e a ideia de fazer sigilos de magia

do caos com aquelas letrinhas lindas parece apaixonante e original.

No início eu disse que hoje sou uma pessoa mais prática e que se importa com o corpo. O cristianismo me ensinou a me importar com o corpo, já que é uma religião sobre um Deus humano que sofreu e morreu. É uma lembrança bem clara e que grita essas palavras: “eu tenho um corpo!”.

Essa lembrança foi necessária no meu caso, que me envolvi a fundo com religiões indianas na adolescência. Quando você está meditando por muito tempo e mergulhada nos estados alterados pode se esquecer que tem um corpo. Ou pode acreditar que o corpo é apenas um saco, uma realidade a ser superada. No próprio jainismo aprendemos que um iluminado vê seu corpo como nada mais que um cadáver.

Eu gostei da forma que o cristianismo valoriza o corpo, da forma que nos lembra que o sofrimento do corpo não é um erro, mas pode até mesmo fazer parte do caminho espiritual: é seguir Jesus até a cruz. Para mim que sou mulher e sofro todo mês com cólicas menstruais gerou uma identificação imediata. Sim, estou na cruz com Jesus todo mês e esse sofrimento não é em vão. Tem um significado.

Talvez vocês se lembrem quando eu disse que busquei a magia porque buscava algo real. Eu não queria apenas viver a magia nos livros e filmes de fantasia.

O budismo me mostrou estados alterados de consciência reais. E religiões como judaísmo, cristianismo e islamismo afirmaram que Deus e anjos são reais, não somente imaginários. Se eu já acho que David Lewis é legal por defender a existência de unicórnios e dragões, é óbvio que vou ficar fã desses loucos lindos que dizem que Deus e anjos são reais!

Mas esse livro não é sobre Deus e anjos. Eu já relatei minha operação de Abramelin em outro livro.

Esse livro é sobre servidores, mas o que diabos são servidores?

Por algum motivo, servidores são muito populares entre os magistas do caos no Brasil. Talvez porque eles lembrem um pouco os santos católicos.

Eu sou fã dos santos católicos, então eu consigo enxergar a semelhança com os servidores. Alguns santos católicos certamente existiram. Outros, da época do cristianismo primitivo, podem ter existido ou não. E eu acho fascinante estar nessa beira entre o real e o imaginário.

Eu gosto muito de religião e espiritualidade. É como estar na beira de um penhasco. Você quer arriscar tudo. Pois se não houvesse risco nenhum não teria graça.

Em geral, não queremos nos comprometer. Não queremos nos responsabilizar. É mais fácil ficar em cima do muro.

Antigamente eu gostava da aposta de Pascal. Nunca entendi bem porque Scott Hahn, um autor católico que gosto, nunca gostou muito desse argumento.

Pascal nos diz que vale a pena acreditar em Deus porque é uma boa aposta. Porque se você acreditar e Deus existir você ganha tudo e não perde nada. Mas se não acreditar e Deus existir, você perde tudo.

Agora entendo que o que Scott Hahn não gostava nesse argumento era a ideia de ter a própria segurança garantida. Pois para um religioso é importante dar o salto da fé. Um salto no escuro.

É como uma prova de amor. Nós não amamos apenas quando temos a garantia que o ser amado nos ama totalmente. Isso não é amor, mas um pagamento em troca de um amor.

O verdadeiro amor, o amor louco, desesperado, pulsante, REAL, não exige garantias. Ele se atira, ele é lindo, enlouquecedor.

Por isso eu gosto dos santos católicos e sou fã deles. Eles são loucos apaixonados por Deus, que fazem tudo pelo ser amado.

Eles não têm garantia que Deus existe e nunca terão. Não precisam dela. Não a exigem. Não a querem. Eles apenas amam demais.

Se tivéssemos garantia que Deus existe, qual seria a graça disso? Não seria mais um amor total. Obedeceríamos Deus por medo e dever, principalmente.

A aventura existe quando há a incerteza. Não sabemos se voltaremos vivos ou mortos da jornada. O dragão pode nos derrotar. E mesmo se chegarmos ao fim, talvez não haja uma princesa esperando para ser salva.

Mas nada disso importa. Deus é o próprio amor. É esse amor louco. O amor que não exige provas.

Esses são os santos católicos, que amam demais. E quem são os servidores?

Não se sabe ao certo a origem dos servidores na magia do caos (ou pelo menos eu não sei), mas há textos relativamente antigos sobre eles, como “Chaos Servitors: A User’s Guide” de Phil Hine, de 1992. E na magia tradicional já se usava algo parecido com os servidores, como as formas-pensamento.

Você carrega um objeto com energia por um tempo, atribui vida a esse objeto e o encarrega de uma missão. O objeto é somente o receptáculo, a “casa” do servidor, ou pode representar o servidor em si.

O servidor pode ter um período de vida determinado. Após cumprida a missão, ele pode desaparecer.

Isso é parecido com uma vida humana, ou ao menos com a vida de um santo católico apaixonado. A missão dele é amar Deus, servir seu Senhor. Cumprido o objetivo, ele morre, ou se martiriza por ele.

Então um servidor é como um santo apaixonado por seu Criador, que o obedece incondicionalmente.

Da perspectiva de quem faz a magia, o magista deseja que seu servidor seja fiel e lhe obedeça. No meu livro “Salve o Senhor no Caos” dei o exemplo de um mundo em que os servidores cumprem suas funções e obedecem seus senhores.

Em outro livro meu, “Grimório da Insolência”, dou exemplos de criação de mundos para servidores, ou suas “casas”. Em “Agracamas” com o subtítulo “O Grimório das Casas” também faço referência a essa ideia.

O presente livro se chama “Servidores Fantasmas” por vários motivos. Irei explicar um pouco sobre a ideia básica envolvendo a criação de servidores. Depois, pretendo explorar mais esse conceito e fazer algumas propostas mais ousadas.

Um servidor é real ou imaginário? Ahá! Você é real ou imaginário? Um ser humano e nosso mundo realmente existem? Se você quer debater isso, vá ler David Lewis. Se ele conseguiu convencer tanta gente que existem unicórnios e dragões de verdade, por que não servidores?

Existem alguns que trabalham com os modelos da magia, conforme discuti no meu livro “O Caos dos Iluminados”, que é uma ideia explicada por Frater U.D. e Patrick Dunn.

Um magista do caos teoricamente conseguiria saltar de um modelo para outro como um coelho: hoje sou cristão, amanhã sou budista, hoje eu acredito que magia é apenas autossugestão, amanhã eu acredito que há um demônio enfiando um tridente no meu coração e o devorando, essas coisas.

Fique à vontade. A vida é sua. Na prática, nós nos saímos melhor com certos modelos do que com outros.

Eu descobri que costumo ajudar mais as pessoas quando acredito em Deus e sou cristã, então vamos evitar que Wanju Duli se torne uma serial killer: rezemos para que permaneça cristã por mais tempo, pelo bem dos outros.

Não é só isso, claro. Talvez você descubra que é mais disciplinado quando é budista, porque acorda cinco da manhã para meditar. Ótimo! Minhas meditações de cinco da manhã sempre foram péssimas, sempre dormi nelas, isso nunca funcionou para mim. Mas se funciona para você, legal!

Na magia do caos você usa o que funciona. Eu acho extremamente deselegante dizer que sou cristã porque funciona. Não deixem que T.S. Eliot me ouça falando essas heresias.

Não gosto das coisas só porque funcionam, mas por variados motivos. Pela beleza, por exemplo. Religiões são belas. A magia do caos é bela. Oh, a beleza está por toda parte! Na pobreza, na sujeira, dizem os cristãos.

Servidores são belos, criativos e úteis. Eu gosto deles. Minha qualidade, ou defeito, é que eu amo demais.

Então nesse livro eu gostaria de compartilhar com vocês um pouco do meu amor por magia do caos e servidores.

Confesso que ultimamente ando meio afastada da “cena” da magia do caos, mas vez ou outra eu saio da minha tumba. Atualmente ando muito apaixonada por cristianismo e islamismo para mergulhar muito a fundo na magia do caos como nos velhos tempos.

Mas aqui estamos para matar um pouco a saudade: servidores. Já fazia um tempo que algumas pessoas me sugeriram escrever um livro mais especificamente sobre isso, já que em “Salve o Senhor no Caos” eu fiz um manual em forma de história. Agora será um manual em forma de manual mesmo.

E o que raios seria um servidor fantasma? Fantasma é um termo popular, mas muitos religiosos acreditam em fantasmas. Em geral, um fantasma é definido como uma pessoa que morreu, mas que por alguma razão ainda fica vagando por esse mundo. Talvez temporariamente, para resolver certas coisas. Vai ver que ele se perdeu. Não aceitou que morreu, ou era muito apegado a algo desse mundo ou a alguém.

Mas os servidores estão vivos ou mortos? Se não estão vivos, então eles não podem morrer e virar um fantasma, certo?

Vou brincar um pouco com essa ideia. Como é dito no Principia Discordia: “você é realmente sério? Às vezes eu tomo como humor sério. Às vezes eu seriamente tomo como humor. De qualquer forma, isso é irrelevante”.

Existem coisas que você pode fazer com servidores. E outras coisas com servidores fantasmas. Pode até mesmo matá-los e revivê-los. Mas como assim?

Acompanhe-me.

Capítulo 1: O que são servidores?

Vamos retomar alguns tópicos da introdução. Principalmente para capturarmos na nossa rede aqueles que pularam a introdução. Alquimistas de plantão, agora não estou sendo caridosa, mas invejosa.

Magia é às vezes definida como ciência ou arte. Outras vezes nos sentimos tentados a descrevê-la como teatro misturado com psicologia. Ou apenas filósofos que se empolgaram demais com os Deuses gregos e egípcios.

Resumindo, é uma festa da uva dionisíaca. Cada um define como quer. Magia pode ser tudo, qualquer coisa ou coisa alguma. Os caoístas preferem mesmo uma definição ampla que massacra o conceito de definições.

Ou, como diriam os zen budistas: “Mate o Buda”. Sempre fui mais inclinada ao budismo Theravada. Os rinzai zen budistas e seus koans são a turma estranha do fundão, com todo o respeito. Você sempre ri das piadas, mas são o que eles chamariam de “piada interna”: no fundo, nem quem faz parte do clubinho seletto as compreende.

Sabe aquele wiccano que faz questão de comemorar todos os esbaths? A cada mudança de fase da lua, lá está ele louvando a Deusa. Mesmo que ele não faça nenhum feitiço, mesmo que esteja sozinho em sua festa (ele, a Deusa e os espíritos), ainda assim isso é magia.

Na definição clássica da magia, você realiza alguma mudança na natureza que não pode ser explicada por leis naturais. Porém, um ritual mágico comemorativo, mesmo que seja simbólico e não envolva a invocação de entidades, ainda se enquadra na categoria de magia.

Você não precisa de poderes especiais para fazer magia. Não precisa nem mesmo alterar seu estado de consciência. Não é necessário vestir uma roupa preta e fazer cara feia.

Nós geralmente temos uma ideia pré-concebida do que seja um feitiço ou um ritual, mas eles podem variar desde a escala

mais elaborada até a mais básica. Uma oração, uma meditação simples, fechar os olhos, estalar os dedos; as chamadas magias de mãos vazias também podem ser definidas como magia.

Eu não sou uma mulher apenas porque nasci biologicamente como mulher. Talvez a minha magia tenha cara de magia: vesti um manto negro, fiz um círculo, uma recitação em outro idioma, etc. Mas eu posso declarar: isso é um teatro, isso é um filme. Não é a coisa real. Embora tenha cara de realidade.

Para que alguém se torne muçulmano, basta declarar diante de Deus que a partir daquele momento você é muçulmano. Mas se você disser isso e estiver gravando um filme, não vale.

Existe um acordo cultural, espiritual, etc, não dito sobre o que vale e o que não vale. Um batismo, por exemplo (adoro esse tema!)

Se você foi batizado numa igreja protestante, esse batismo é reconhecido pela Igreja Católica ou você deverá se batizar de novo? Se um católico se torna ortodoxo ele precisa se batizar de novo? E por aí vai.

Basta aspergir água para o batismo ser válido? Ou é preciso mergulhar a pessoa de corpo inteiro?

Enquanto alguns consideram tais questões irrelevantes, eu as acho fascinantes. São minúcias que podem revelar muito sobre uma fé.

Por que se usa água para o batismo, por exemplo? Há várias explicações, mas a minha favorita é: para simular uma situação de afogamento. A pessoa morreu para seu antigo eu e nasceu para o novo eu.

Na Igreja Católica, normalmente é só o padre que batiza. Porém, em situações excepcionais, como em risco de morte, qualquer católico (ou até mesmo qualquer pessoa não batizada) pode batizar. Basta colocar um pouco de água que tiver perto, na falta de água benta. Se não tiver água, pode ser areia. Ou o batismo pode ser feito sem nada!

Basta declarar: “Eu te batizo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” ou algo parecido. E esse batismo é considerado válido. Impressionante, hã?

Não é a água benta que é milagrosa sozinha. Claro, na Igreja Católica considera-se que há mérito em relíquias de santos, por exemplo, mas normalmente você precisa do consentimento de uma pessoa adulta e que tenha suas faculdades mentais preservadas que aceitará o batismo, com raras exceções.

Tudo isso são detalhes teológicos, alguns diriam. Isso me faz lembrar do livro “O Exorcista” de William Peter Blatty. Sou fã do livro e do filme e nos dois há uma cena em que o diabo finge que é ferido com a água benta.

Na verdade, a água usada pelo padre não era benta. O padre mentiu que era, para verificar se era mesmo o demônio. Sim, era o demônio. Porém, o demônio mentiu de propósito, fingindo se machucar com a água, para não deixar muito na cara sua identidade.

Lembro que considerei essa uma das partes mais geniais.

Sim, existem coisas como relíquias sagradas, utensílios mágicos, objetos protetores ou com certos poderes. Objetos realmente poderosos podem dar poderes a pessoas comuns.

No entanto, normalmente um objeto desses expressa maior poder quando seu usuário também é poderoso, tem fê ou alguma outra habilidade ou conhecimento.

É como o Cordeiro no Apocalipse. O céu está repleto de figuras poderosas, mas somente o Cordeiro tem o poder de romper os sete selos.

E por que ele tem esse poder? Porque ele está pingando sangue.

Existe algo chamado “batismo de sangue”. Segundo a Igreja Católica (estou dando exemplos da Igreja Católica porque tenho mais familiaridade), o batismo comum apaga qualquer tipo de pecado, até mesmo um pecado mortal (como um assassinato). Porém, o batismo de sangue é ainda mais poderoso.

O batismo de sangue apaga qualquer coisa. Ele te leva direto para o céu, para sentar-se à direita de Cristo. Sobre a diferença entre sentar-se à esquerda e à direita, existe um texto do século II que eu aprecio chamado Pastor de Hermas que explica mais a esse respeito.

Nesse ponto você pode estar pensando que esse é um livro de cristianismo disfarçado de livro de magia do caos, mas em breve veremos onde eu quero chegar (já que eu comparei os servidores com os santos católicos).

Digamos que exista alguém que não saiba nada de cristianismo, que nem saiba quem é Jesus, ou que saiba e não acredita. Pode até ser ateu. Mas essa pessoa morreu por alguém. Ela derramou o próprio sangue por outra pessoa, ou por Deus.

Segundo a Igreja Católica, essa pessoa não somente foi perdoada de todos os seus pecados, mas foi direto para o céu. Nem precisará passar pelo purgatório. Ela foi para o acento VIP Na primeira classe.

Eu sei que em geral os caoístas detestam hierarquias. É claro que quando se usam as expressões “sentar-se à direita” é uma referência simbólica, mas repleta de significados.

Você entende o que eu quero dizer com batismo, com iniciação. Entende o que é batismo de água e batismo de sangue. Não precisa ser um mestre em teologia para sentir que há diferença entre água e sangue.

Você pode derramar água pelos olhos por alguém. Em Duna de Frank Herbert a água é tão preciosa que chorar por alguém que morreu é considerado algo bastante impressionante. Não é algo esperado. Significa que você se importava imensamente com aquela pessoa.

Na Bíblia, Jesus chorou por Lázaro. Mas ele derramou seu sangue por toda a humanidade.

Comecei a falar de batismo para explicar o quanto um ritual ou um ato mágico pode ser extremamente simples ou extremamente complexo. Não é a simplicidade ou a complexidade de um ato que o definem como mais mágicos ou mais efetivos.

Porém, o fato de você vestir uma roupa especial, reunir instrumentos e fazer várias preparações não serve apenas para impressionar você mesmo, como autossugestão. Esses atos também ressoam no plano astral.

Em primeiro lugar, você não está sozinho. Você está proporcionando um espetáculo não somente para si, mas para os espíritos e Deuses. E eles poderão valorizar seu esforço.

No entanto, se você deixou de realizar uma parte ritualística do ritual porque não tinha dinheiro ou tempo, por algum motivo importante (não apenas porque estava com preguiça) isso é levado em consideração. Você não será “penalizado”.

Acredito que uma magia de mãos vazias e curta pode ser tão poderosa quanto uma mais elaborada, mas tudo depende das circunstâncias. Se o mago é poderoso, se passou por longos anos e décadas de treino árduo, ele será capaz de fazer uma magia difícil em relativamente pouco tempo.

Por outro lado, eu reconheço e encorajo o poder de magias longas e elaboradas. Esse é um dos principais motivos de eu gostar tanto da famosa operação de Abramelin. Ela não é famosa por ser uma magia curta. Ela é célebre porque testa a determinação e disciplina do magista.

Portanto, note que não é fácil definir o que é magia. Pode incluir desde uma operação que dure um ano e meio para ser finalizada até um feitiço que dure poucos segundos.

Não existe nenhuma fórmula matemática para determinar a probabilidade de sua magia funcionar (se o Peter Carroll ainda não criou alguma). A lógica seria: quanto mais instrumentos, mais esforço e tempo de preparação, quanto mais profundo seu estado de consciência, quanto maior o tempo de execução, quanto mais entidades envolvidas e quanto maior o poder delas, etc, maior a probabilidade de dar certo. Correto?

Não necessariamente. E se duas entidades opostas estiverem presentes e brigarem? E por que sempre “mais”? Por que não “menos”? Meditar isolado no meio de uma caverna com apenas pão e água é “menos” do que comemorar uma celebração com um banquete caro e vestes espalhafatosas. Mas nesse caso, o menos não seria mais?

Novamente, depende do contexto. Como diz a Bíblia, há tempo de celebrar e tempo de chorar. Jesus não critica a mulher que derrama um perfume caro sobre ele. Ao contrário, ele a

defende, mesmo escutando o argumento de Judas de que aquele dinheiro poderia ser usado para ajudar os pobres.

É difícil julgar as pessoas e estabelecer uma fórmula para todas as situações. Sendo assim, quando estudarmos as melhores formas de construir um servidor, não teremos regras fixas. Teremos diversas possibilidades, com base em quem você é, no que você busca, no que está ao seu alcance.

Essa explicação é uma ótima definição para a magia do caos. Quem começa a estudar caoísmo, em geral aprende aquele treinamento básico do Liber Null e do Liber Kaos de Peter J. Carroll. Aprendemos como se faz sigilos pictóricos e alguns feitiços simples.

Em suma, você aprende regras básicas que não são bem regras. São mais como modelos, para depois você criar os seus.

Um manual de como criar servidores pode dar a impressão de algo que aprisiona, mas a ideia não é essa. Se eu fosse te ensinar como invocar certa Deusa grega, iria te explicar como isso era feito na Grécia Antiga, as características dessa Deusa, etc. Ainda teríamos espaço para criatividade, mas nem tudo seria possível.

Como você irá notar, nem tudo é possível para servidores tampouco. Há métodos que funcionam melhor que outros. Mas na magia do caos você terá mais chance de mandar todo mundo à merda e dizer: “Quem manda na minha mente sou eu, seu putão!”.

Então agora que já entendemos que nós não entendemos o que é magia, vamos ao assunto do capítulo: o que são servidores?

Se alguém me jogasse uma moeda no Vale da Abundância cada vez que eu respondesse essa pergunta, eu estaria rica. Mas se eu fosse contar todas as vezes que eu respondi essa pergunta de forma apropriada, não sei se eu teria moedas suficientes para um chiclete.

É aquele tipo de pergunta difícil de responder com uma frase, como “o que é magia”. Claro que é possível responder, mas você fica com a sensação de que é uma fraude.

Um dos maiores embaraços mágísticos envolvendo essa questão é tentar explicar “se servidores existem mesmo ou são apenas inventados”.

Há várias formas, variando desde a mais elegante até a mais idiota, de responder. Você poderia responder, por exemplo: “Você existe mesmo ou só existe na mente de Deus? Ou talvez você só exista na mente do diabo?”

Não, nós não queremos brigar por causa dessas ninharias. Vamos investigar e fingir que iremos responder essa pergunta, da mesma forma que nós fingimos que respondemos o que é magia.

Para entender o que são servidores, é preciso entender o que é magia do caos e como os caoístas pensam. Aparentemente os caoístas só pensam no breve intervalo da meia-noite até o começo do dia seguinte, quando irão mudar o paradigma atual para o novo paradigma do dia. Nisso os caoístas diferem em relação aos membros dos outros credos, que não pensam nunca e permitem que a religião que escolheram pense por eles (como essa que vos fala).

Pensar dá trabalho, então é melhor acreditar num Deus que sempre te ama e te salva, um preço barato para se livrar de dilemas existenciais. A não ser que você realmente goste de crises existenciais.

Mas espere, isso não é a aposta de Pascal! Vamos voltar para os servidores. Eles existem? Eles... pensam?

Se eu fosse usar a analogia de “Salve o Senhor no Caos” você é o Deus de seus servidores e eles irão servi-lo. Mas você não é necessariamente um Deus abraâmico ou uma Trindade. Você pode ser o tipo de Deus que quiser, desde um Deus arrogante e egoísta até um Deus misericordioso.

O truque para tentar definir algo de difícil definição não é dizer o que aquela coisa é, mas sim o que ela não é. Esse truque tem sido usado por teólogos tentando falar sobre Deus há milênios.

Vamos pensar: o que é parecido com um servidor? Um Deus, um anjo, um demônio, um elemental, um espírito, uma forma-pensamento?

Um servidor é um Deus?

Eu gosto dessa ideia. Por que não? Se o seu servidor pode ser qualquer coisa, por que não um Deus?

Aliás, há aquela antiga definição de servidores que explica que sua forma de nascimento pode se dar de várias maneiras.

Por exemplo, Fotamecus é um servidor que nasceu como um sigilo. No livro “NTWICCM: Now That’s What I Call Chaos Magick” de Julian Vayne e Greg Humphries, Vayne conta toda a história de como o Fotamecus começou como um sigilo criado por Fenwick Rysen, para depois se transformar num servidor devido à ação de magistas durante um show do Metallica e, finalmente, ao longo do projeto da produção de um filme, virar um Deus. E o ápice do livro foi a descrição do ritual para ativar o Fotamecus enquanto se cozinha biscoitos. A incrível batalha de Fotamecus versus Chronos! Simplesmente imperdível.

Portanto, sim, um servidor pode virar um Deus. Seria sua “forma final”.

Um servidor pode começar como um sigilo ou como uma forma-pensamento. E qual seria, exatamente, a diferença?

Primeiro, qual a diferença entre sigilo e servidor? Pergunta difícil!

Se eu quisesse tirar com a sua cara, eu diria que um sigilo é um monte de rabiscos e um servidor é um tamagotchi. Que tal? Podemos seguir adiante?

Eu não tenho nada contra sigilos tridimensionais no formato de um tamagotchi: um sigilo que apita toda vez que seu tamagotchi precisa ir ao banheiro. Eu também não sou contra um servidor que é um monte de rabiscos.

Realmente, é difícil definir a fronteira entre os dois. É que nem magia. Você aponta e diz: isso é magia, isso não é. Portanto, você aponta e diz: isso é um servidor e isso é um sigilo. Fim de papo.

É claro que nós intuimos qual é a forma “típica” de um sigilo ou de um servidor, mas se aquele sigilo for esperto ele pode se disfarçar com uma barba e um chapéu e te enganar. Ahá!

Mas um sigilo pode “pensar”? Ele é um ser, uma entidade?

Mais ou menos. Você já lançou um feitiço pensando na energia lançada como um “ser”?

Normalmente pensamos em sigilos como uma “coisa”, uma magia, um feitiço, algo inanimado e impessoal. Um servidor seria algo ligeiramente mais complexo e dinâmico, com uma personalidade.

Quase com... uma alma? Não, isso seria ir longe demais! Ou não seria?

Mas qual é exatamente o momento “mágico” que transforma um sigilo num servidor? Quando foi exatamente que ele saiu do armário? Será que foi mesmo da noite para o dia?

Na vida há incontáveis exemplos de coisas que ocorrem gradualmente ou de repente, de uma vez só. Então, você escolhe.

Você é o Deus, cara! Você é o Senhor do seu servidor, você é seu criador! Então a decisão é sua.

Talvez você seja um cara (ou uma moça) prático. Você não está interessado nessa coisa de sigilos virando servidores. Você não quer comprar uma estátua bonita para seu servidor e muito menos fazer um bichinho de massa de modelar. Você só quer que aquele treco funcione!

Nesse caso, talvez você goste mais de trabalhar com sigilos: rápidos, impessoais, efetivos. Sem essa história de expectativa de vida. Foi e pronto, esqueceu, acabou.

Talvez resida aí um bom ponto de separação entre os dois: a memória.

Em geral sugerimos que se esqueça do sigilo após lançado. Mas isso pode ou não ser feito quanto ao servidor. É opcional.

Isso porque os sigilos usados na magia do caos são baseados nos sigilos de Spare e eles funcionam seguindo mais ou menos variações das grinhas dele: misturar letras e esquecer depois.

Já os servidores permitem uma abordagem mais ampla e menos presa a regras. Ele já não é uma coisa. É alguém.

Meu Deus, parece importante! Ele precisa de um nome! Quando vai ser o batismo do servidor?

Calma, calma. Não é para tanto.

Não que você não possa batizá-lo. Claro, você pode fazer tudo em sua casa de bonecas.

Na magia do caos, nada é verdadeiro e tudo é permitido, certo? Inclusive, você pode criar um sigilo ou um servidor que não funcione, apenas porque o acha bonitinho. Qual o problema? Nós não fazemos tantas coisas na vida por beleza? Por que não sigilos e servidores? Por que eles precisam ter uma “utilidade”? Por que eles precisam “funcionar”?

Nesse caso funcionar equivaleria a ficar bonitinho. Ou vamos usar termos mais elegantes. Seu sigilo é arte! Nossa, a coisa ficou séria! Arte com “A” maiúsculo. É o Senhor Servidor, exija respeito!

Tem aquela velha piada (eu às vezes até esqueço se fui eu que inventei ou se eu li em algum lugar) que se você mimar demais o seu servidor você pode passar de mestre para servidor. Antes você era o Deus do servidor. Quando ele virar Deus, talvez você decida adorá-lo.

Espere, mas isso não é uma piada. Isso realmente acontece em algumas ocasiões.

Então o que é um servidor? É seu amigo imaginário? Mas não chegamos lá ainda. Estávamos antes tentando diferenciar o servidor de um sigilo.

Sim, você pode criar um servidor para se divertir, para fazer arte, para fazer experimentos mágicos. Ele não precisa ser necessariamente um escravo que irá realizar uma tarefa específica. Ele pode ser um amigo, um bichinho de estimação, um passatempo, enfim, não há limites.

Na verdade o limite começa quando seu servidor vira algo tão estranho que só podemos chamá-lo de servidor com uma extrema força de vontade.

É muito comum que um servidor tenha um sigilo, normalmente com seu nome. Ou seja, você não precisa primeiro criar um sigilo e posteriormente transformá-lo em servidor. Desde o começo você já pode dar um sigilo para ele, que seria como sua assinatura.

Eu tenho a impressão de que eu já disse algo parecido naquele meu livro chamado “Um Jantar para Cthulhu”. De qualquer forma, irei explicar aqui novamente, em outras palavras.

Gosto de ler livros de magia do caos porque eles frequentemente contêm ideias inusitadas e originais. Você pode achar criatividade em muitos livros de magia em geral, mas eu diria que o tipo de criatividade contido em livros de caoísmo é particularmente divertido.

Se você quiser criar um servidor original e interessante, por exemplo, você não necessariamente irá conseguir isso tentando desesperadamente ser original e interessante. Ao contrário, você pode buscar múltiplas fontes de inspiração e misturá-las.

O modelo que eu tenho na cabeça quando eu penso em servidores é um livrinho de caoísmo que eu li no breve período em que fiz parte da Arcanorium College alguns anos atrás, aquela universidade de magia online do Peter Carroll. Nesse livrinho havia vários exemplos de servidores criados pelos membros do grupo: um desenho bidimensional, uma foto do servidor tridimensional feito em argila, o nome, símbolo e características. Cada servidor normalmente tinha uma função bem específica.

Portanto, os modelos que eu irei mostrar aqui nesse livro de certa forma são indiretamente inspirados nesses servidores que foram criados lá. Não que você deva seguir esses modelos, mas podem servir como ponto de partida.

Também é opcional criar um servidor feito para uma função bem específica ou um mais geral.

Para definir o que é um servidor, temos que entender como funciona a mente de um caoísta.

Em geral, caoístas gostam de usar sigilos. Por quê? Porque existe um cara chamado Austin Osman Spare que influenciou Kenneth Grant. Inicialmente, soubemos da existência de Spare principalmente através de Grant. Jaq D. Hawkins dá mais detalhes sobre isso em seu livro “Understanding Chaos Magic”, livro que é até hoje o que temos de mais parecido com uma “introdução à magia do caos”, que aborda bastante a parte histórica. “The Chaonomicon” seria uma versão mais recente desse clássico. “The Epoch” de Peter J. Carroll é um livro que também aborda a parte histórica, embora tenha ido mais longe: as raízes da magia desde a Antiguidade.

Austin Osman Spare não era um magista do caos porque na época dele magia do caos ainda não existia (ele morreu em 1956). Mas seus livros, suas pinturas e seu trabalho com sigilos foram uma enorme influência para o caoísmo.

Eu acho o máximo que os caoístas ainda façam seus sigilos baseados no método de Spare até hoje. É uma enorme homenagem e ele merece. Foi um grande mago e um artista admirável e original.

Mas é importante saber que o método de fazer sigilos de Spare não é um “dogma”. No máximo, é um “catma”, como diria Peter Carroll (um catma é um dogma que muda de tempos em tempos. A piada funciona melhor em inglês, por motivos óbvios).

Qual é a forma “certa” de fazer sigilos? É usar somente as consoantes e tirar as vogais? Ou tirar só as letras repetidas? É obrigatório esquecer o sigilo depois?

É claro que Spare teve motivos para escolher essas regras. Obviamente, funcionou para ele. Spare geralmente encostava seus sigilos na própria testa também.

Algumas escolhas de Spare podem ter sido arbitrárias, mas outras não. Afinal, Spare era um estudante e praticante de ocultismo. Ele teve contato com Crowley.

Tirar algumas letras de palavras ou frases longas é útil por motivos estéticos. A apreciação estética de um sigilo também é importante para ativá-lo. É interessante que ele seja belo.

A não ser que seja um sigilo montado especificamente para gerar repulsa, de acordo com seus propósitos. Mas isso será previamente determinado. Ou você opta por trabalhar com sigilos envolvendo escrita automática.

Sigilos também podem ser sons. Você pode pronunciar as vogais separadamente, até cantá-las. Entoá-las. Já tentei isso e o efeito pode ser bem impressionante quando escolhemos os sons certos.

Portanto, é tudo questão de prática. Crie dezenas de sigilos, centenas. Com o tempo você irá melhorar a sua técnica, descobrir o que gera um efeito mais belo ou mais prático, conforme o gosto.

É relevante falarmos de sigilos quando queremos introduzir o tópico dos servidores. Afinal, como sabemos, um servidor também pode ser definido como um sigilo “mais complexo”, embora essa seja uma definição a princípio simplista.

Os sigilos conforme eles são usados hoje pelos caoístas vieram de Spare. E os servidores, de certa forma, vieram dos sigilos, embora tenham sofrido outras múltiplas influências.

Se você ler as obras iniciais escritas por Peter Carroll, como Liber Null (1978, material inicialmente usado pela IOT) e Liber Kaos (1992) poderá encontrar alguns exercícios que auxiliam na elaboração dos servidores.

A verdade é que a magia do caos, por sua própria natureza e definição, não permanece estática por muito tempo. Hoje em dia os termos sigilos e servidores abrangem definições mais amplas.

Você não precisa se preocupar muito em fazer um sigilo do mesmo jeito que Spare ou em fazer um servidor da mesma forma que os primeiros caoístas faziam. É interessante conhecer a parte histórica e podemos usar como inspiração. Mas não precisamos nos prender a ela em termos de certo e errado.

Quem irá definir o que usar ou não para seus servidores é somente você. É muito útil discutir esse tema com amigos e pedir sugestões. Mas no final é você quem determinará o que é útil ou belo.

Talvez as sugestões que eu dê aqui sobre servidores não sirvam para muita gente, mas sirvam para mim. E, da minha perspectiva, isso pode ser o bastante.

Afinal, o relato de um caoísta é contar o que ele considera belo e útil para si. A partir de então, você pode usar os servidores dos outros, claro. Isso também é divertido. Mas poderá ter a liberdade de criar os seus.

Um caoísta é um magista que ainda pode estudar os clássicos de magia se desejar. Ele pode literalmente ser um xamã na segunda-feira e um xintoísta na terça-feira. Mas ele também pode decidir ser um taoísta em tempo integral, sem precisar dar satisfações.

Alguém não é “mais caoísta” por ser agnóstico ou cético. Ainda não inventaram uma régua do caoísmo ou uma série de perguntas e respostas através das quais você receberá uma estrelinha de caoísta mais caoísta do que os outros caoístas.

No meu caso, por exemplo, eu já percebi que não adianta mais eu “avisar” para as pessoas que me tornei cristã, porque elas respondem assim: “Que interessante, o cristianismo tem seus lados legais, realmente, devia-se explorar mais essas coisas. Mas e aí, quando sai seu novo livro de magia do caos? Estou com umas dúvidas sobre servidores, você poderia me ajudar?”

E então hoje em dia fica mais fácil dizer que meus hobbies são: cristianismo, magia do caos, livros de guerra, sem ordem e sem dia da semana específico.

Imagino que ninguém comece a seguir uma religião considerando-a como um hobby no mesmo nível de, digamos, jogar videogame. Há também caoístas sérios e é claro que há como trabalhar seriamente com sigilos e servidores.

Você pode jogar videogame seriamente, com disciplina, dedicação e foco, em busca de um objetivo. Isso não significa que você não vá se divertir. Pelo contrário, muitas vezes há ainda mais diversão com disciplina.

A magia do caos também trabalha com autoconhecimento, como a magia em si e a arte. É claro que a magia do caos tem seus estereótipos, mas também possui sua atmosfera libertadora.

Os caoístas são mais diferentes entre si do que, digamos, dois cristãos entre si. Um caoísta pode ser agnóstico ou muçulmano. Ele pode se afastar um pouco da magia do caos e depois voltar para ela, porque estava envolvido num estudo de runas ou búzios.

É essa atmosfera que devemos ter em mente quando pensamos em servidores. Um servidor pode se tornar potencialmente qualquer coisa.

Usamos o termo “Deus” para definir sua hipotética forma final, mas um servidor não precisa se tornar um Deus. Ele pode continuar sendo um servidor. Pode voltar a ser sigilo ou se transformar em algo completamente diferente.

Um servidor é a obra maravilhosa de um caoísta. Então ele tem um potencial fantástico.

Servidores que nascem a partir de sigilos possuem algumas características únicas e peculiares. Por exemplo, ele pode “evoluir” naturalmente para um servidor, mesmo que ele não seja um pokémon.

O que quero dizer é que Spare criou esse tipo de sigilo, de formar símbolos e esquecê-los. Então o servidor pode nascer, por exemplo, a partir de uma imagem, de um sigilo pictórico, ou mesmo de um som. Isso dará a ele características únicas.

O fato de esquecermos o sigilo depois de lançá-lo também é interessante. Um servidor que venha desse tipo de sigilo pode ser um servidor mais livre, que atue sozinho e vá se transformando, sem precisar seguir instruções específicas. Ou seja, ele será mais autônomo.

O Fotamecus foi um sigilo/servidor que foi crescendo. E cresceu muito mais do que seus idealizadores teriam previsto.

Depende do seu estilo ou do tipo de magia que quer realizar. Você é do tipo controlador e busca resultados bem específicos? Então escreva num papel e assine com sangue (não, não precisa a parte do sangue) a data e a hora exatas do nascimento e morte do seu servidor. Assim a probabilidade de ocorrer eventos imprevisíveis será mais baixa.

Mas há aqueles magistas que gostam de se divertir e ter algumas surpresas (tanto agradáveis quanto desagradáveis). Eles são aventureiros e gostam de arriscar.

Para esses pode ser interessante não estabelecer uma data de morte para o servidor. Claro, depende da organização do magista. Ele prefere ter somente um servidor muito forte que realize vários serviços? Ou dezenas de servidores, mandando cada dia um para um canto, como pombos-correios?

E afinal, quando exatamente um sigilo se torna um servidor? Você também pode estabelecer uma data e hora específicas para a transformação. Ou pode deixá-la ao acaso. Todo dia você pode verificar e ver se a transformação já aconteceu.

Você também pode impedir que seu sigilo vire um servidor, colocando um bloqueio. Ou ao contrário, determinar que ele deva necessariamente se transformar em um, eventualmente.

E qual seria exatamente a diferença de um servidor para uma forma-pensamento? A forma-pensamento é um termo mais usado em magia tradicional. Em geral, segue um processo de criação um pouco mais organizado.

“Creating Magical Entities” de David Michael Cunningham é um clássico sobre os passos para a criação de uma entidade mágica. Você poderá achar muitas dicas lá.

Segundo o autor, as entidades que nós criamos não são imaginárias, pois a separação do que é “eu” e “não eu” seria meramente uma ilusão.

É um bom argumento, que segue mais uma linha de panteísmo ou animismo: Deus é o todo, há alma em tudo, esse tipo de coisa.

Eu costumo observar que algumas formas de panteísmo e animismo contemporâneos são “formas leves de ateísmo”. Afinal, se você duvida da existência de Deus e da alma, fica muito mais palatável dissolver o pó chamado Deus ou alma numa solução de água, mexer bem e.... pronto, dissolveu! Dissolveu tanto que nem parece que sobrou Deus ou alma, ou eles se espalharam por tudo. Fica mais fácil acreditar nessas coisas quando nós as dissolvemos. Dizer que Deus e alma estão

em tudo não é tão diferente assim de dizer que Deus e alma não estão em nada.

Mas se isso funciona bem para você, por que não?

No fundo, há outras interpretações para essa ideia da ilusão do eu e do não eu. Biologicamente, nós sabemos que mais da metade do ser humano é composto por vírus e bactérias e não por células. Então somos mais vírus do que humanos. Como definir então o que é eu e o que é não eu?

Onde termina meu eu? Minhas roupas são meu eu? Meu quarto? As coisas que gosto? É filosoficamente estimulante pensar nisso. Quando se faz sexo com alguém, sentimos também um momento de união em que às vezes é difícil dizer onde começamos e onde terminamos.

Porém, na prática, no dia a dia, sabemos mais ou menos a diferença entre eu e não eu. É claro que se um familiar ou amigo morre, uma parte de nós morre junto. Às vezes literalmente morremos logo depois, porque não aguentamos.

Então, realmente, essa pode ser uma ideia empolgante para explorar na criação de servidores. Um servidor é, de certa forma, uma parte do nosso “eu”. Ele vem da nossa alma, do nosso coração, pega uma parte de nosso espírito.

Se um servidor é criado em grupo, mais um motivo para sua existência ser ainda mais forte.

Podemos também adotar o conceito de múltiplos pontos de vista, como é ensinado no Caibalion: há o ponto de vista do Todo (a realidade de fato) e da nossa mente (visão relativa). Como nunca teremos acesso ao Todo de forma direta nessa vida (ou é o que dizem), podemos nos contentar em considerar o que nossa mente cria como “suficientemente real”.

Até os budistas que atingem a iluminação nessa vida dizem que é necessário esperar a morte do corpo para atingirem a iluminação final (paranirvana). Portanto, aparentemente a maior parte das religiões parecem concordar que há realmente algo depois da morte que nosso corpo em vida não pode acessar. Ao menos não completamente. Às vezes acessamos de forma

ligeira: o Kronos, tempo do relógio, toca o Kairos, o tempo espiritual.

Os seres espirituais em geral vivem em Kairos, como os anjos. Mas de vez em quando os anjos vêm para nosso tempo e espaço. Ocorreria algo semelhante aos servidores.

Cunningham dá um conselho útil em seu livro: não dependa demais da sua entidade! Se você começar a usá-la para tudo, pode não conseguir mais viver sem ela. A propósito, essa pode ser uma vantagem de ter mais de um servidor, em vez de confiar somente em um.

É aquele velho dilema do utensílio mágico. Se você usa demais um utensílio específico e ele fica muito poderoso, pode se sentir triste e desamparado se perdê-lo um dia.

Assim como Julian Vayne, Patrick Dunn e muitos outros ocultistas já disseram antes, Cunningham também insiste para não ficarmos obcecados com os resultados, pois mesmo que, no caso do servidor, ele não te dê exatamente aquilo que você pediu, ainda assim você pode obter outra coisa que pode julgar útil (se você ao menos tiver o mínimo de paciência para considerar a vantagem de certos resultados diferentes daquilo que nossa mente limitada consegue conceber. Porque nem sempre sabemos exatamente o que queremos ou aquilo que será melhor para nós!).

É como dizem os teístas, quando oram dizendo: "Deus, que seja feita a tua vontade e não a minha". Obviamente isso não impede o teísta de fazer o seu pedido (uma cura, por exemplo). Contudo, após fazer o pedido, o teísta deve acrescentar (seguindo a etiqueta divina, se tiver boas maneiras): "Minha sabedoria é limitada demais diante da tua sabedoria, Deus".

Tal qual um sigilo de Spare que deve ser esquecido, criar um servidor afasta nossa mente racional do nosso desejo enquanto a entidade se ocupará dele. É claro que a mente racional também tem seu papel na magia, mas em geral a maior parte dos rituais de magia clássica trabalham mais com a nossa intuição e por isso existem todos esses métodos para alterar o estado de consciência (que afastam o pensamento lógico).

Como disse Patrick Dunn, é perfeitamente possível realizar uma magia sem alterar seu estado de consciência, já que no modelo dele a magia funciona por uma associação simbólica.

Cunningham sugere realizar uma divinação antes de formar o servidor, para ter certeza de que criá-lo para tal propósito seria adequado. Novamente, concluímos que a divinação também funcionaria como um processo que expulsa a mente consciente e os desejos de nosso ego em relação à realização do desejo e permite que outras opções se abram.

Sobre o nome da entidade, assim como Dunn, Cunningham sugere um processo semelhante ao do sigilo (adequando-o para que soe mais "sonoro", assim como fazemos ao transformar um sigilo num mantra).

Para a aparência da entidade, o autor oferece um método curioso, que é tornar o nome pictórico, geralmente usando as primeiras letras para representar a cabeça da entidade e as últimas para os pés. Ele também sugere o método pitagórico, transformando as letras em números. Ou runas, cabala, o sistema que preferirmos ou com o qual tivermos mais familiaridade.

Segundo ele, a entidade pode ter formas diversas, como animal ou alienígena, mas é importante que a forma tenha alguma relação com o desejo, ou que pelo menos a forma não represente algo que (de acordo com a sua associação mental particular) seria contrário ao intento, para não te atrapalhar ao trabalhar com ela.

O próximo passo é escolher uma "casinha" para sua entidade ou, como se costuma dizer, um "receptáculo". Se preferir, você pode criar também uma casinha astral, como um templo astral, ou acessar um plano dimensional e colocar sua entidade lá. Eu costumo escrever histórias inteiras de fantasia para criar uma cidade completa ou mundo detalhado no qual as minhas entidades ou servidores fiquem bem confortáveis (ou se matem, para se tornarem fortes ou... zumbis). A história também serve para que eu conheça bem a personalidade dos servidores, forças, fraquezas, e dessa forma possa trabalhar cada vez melhor com

eles. É claro que esse nível de complexidade pode atrapalhar ou distrair alguns magistas ou processos mágicos específicos.

Eu sugiro que se crie um servidor e receptáculo simples se a magia a ser realizada é simples. Caso se exija mais tempo e esforço, a complexidade do sistema pode se transformar em força quando corretamente direcionada.

Além da alternativa de construir a casa da entidade em outro plano ou num objeto físico, o autor nos dá um exemplo de colocar a entidade na voz, e ela apareceria ao pronunciar palavras específicas. Isso, claro, pode ser interpretado não como uma casa, mas como um atalho. O mantra seria uma ponte de energia que faria o servidor atravessar mais rapidamente sua casa e chegar até seu quarto, por exemplo (como o sal que liga mercúrio e enxofre, a mente que liga corpo e alma). Mas construa a realidade ontológica que sua mente preferir.

Na verdade o autor faz uma diferenciação entre a "casa" e o "templo" da entidade. Para ele, a casa representa o corpo físico da entidade, enquanto o templo seria o que eu chamo de casa. Eu particularmente prefiro colocar a casinha do servidor num plano astral e usar um objeto físico para ser o "templo" dela ou "hotel" enquanto atua aqui em nosso mundo. Enquanto está no hotel eu a deixo bem à vontade, alimentando-a, mas enquanto ela está em sua dimensão ela que se vire para obter suas fontes de energia de seu próprio trabalho (não, brincadeira, eu dou um apoio moral).

Sobre as fontes de energia, o autor sugere usarmos nossa própria energia, oferecermos pratos simbólicos de comida regularmente ou indicarmos outra fonte energética externa. Ainda há a opção de criar um sistema híbrido, estabelecendo que a entidade tire energia tanto de você como de uma fonte externa específica, pois se uma se esgota ainda há a outra.

Eu sempre curti usar o método da comida e diariamente, conforme eu comia algo específico, oferecia uma porção separada para a entidade. Porém, como se costuma dizer, "oferta" significa dar uma porção da nossa comida para alimentar a entidade antes de começarmos a comer e "esmola"

significa dar um restinho que sobrou do que comemos. Então sua escolha de como proceder depende de como você trata seu servidor ou se ele está realizando uma tarefa importante. Se for uma Forma de Deus talvez você opte por cozinhar especialmente para ele! (e perguntar se "o Senhor gostaria de uma sobremesa?"). Se for um servidor simples, de pouca importância e vida curta para teste, jogue para ele o resto do milho de sua pipoca num prato sujo e ainda ameace reduzir pela metade no dia seguinte se o bundão não fizer direito seu serviço! (OK, Cunningham sugere tratarmos respeitosamente as entidades por causa do karma, lei do retorno ou qualquer coisa parecida, então porte-se moralmente e comporte-se, magista!).

O autor sugere escrevermos uma biografia da entidade e decidir se ela precisa de algum equipamento especial na jornada, como uma capa ou anel. Se preferir faça como eu e escreva centenas de páginas de histórias com seus servidores como personagens e passará a conhecer até a cor do lençol da amiga do tio do seu servidor, mas esse grau de detalhe costuma ser desnecessário para a maior parte dos trabalhos mágicos.

O próximo assunto abordado é sobre a expectativa de vida da entidade. Imagine como seria divertido trabalhar com entidades perpétuas: vá lá e monte algumas centenas de servidores perpétuos durante sua vida e quando você morrer restará um monte de partes de você (quase filhos seus, veja só que adorável) ajudando a construir um mundo melhor ou a destruir o mundo (ops, destruir não, porque isso é feio). Quem sabe você até consiga reviver com a ajuda dos bichinhos.).

Eis minha profecia (pois quase todo ocultista curte dar uma de profeta de vez em quando, como Peter Carroll, Robert Anton Wilson, Terence McKenna e tantos outros da velha guarda caótica): os alquimistas do futuro serão caoístas que trabalham com servidores! E eles retornarão da morte através das entidades que deixaram aqui.

Mas pensando melhor, eu realmente não vejo um caoísta fazendo isso, simplesmente porque um caoísta certamente arranjará algo melhor ou mais engraçado para fazer do que

obter a imortalidade. Um caoísta acharia mais digno deixar um servidor encarregado por pintar nuvens com a cor rosa do que voltar a vida. Afinal, por que voltar para um mundo sem unicórnios? Melhor pular para outro depois desse.

Calma, fique tranquilo. Segundo David Lewis, definitivamente há unicórnios.

Para manter contato regular com a entidade pode-se realizar meditações, invocações, evocações, orações, divinações ou o que se ache melhor. Eu simplesmente amo trabalhar com evocações, mas eu geralmente faço a coisa completa só quando tenho tempo (círculo, espada, vela, etc. Tradicional demais? Use mais fru-frus e purpurina), então eu uso meditação quando quero uma comunicação mais interna ou mesmo uma sentada breve no altar diante do "templo".

Alguém pode optar por usar um anel ou qualquer coisa que sirva para comunicação. Alguns colocam servidores dentro de celulares, por exemplo. Eu sempre curti a ideia de colocar um dentro de um tamagotchi, mas ainda não fiz isso. Então você alimenta bem o bicho e cuida dele para o servidor atuar.

Depois o autor nos fornece uma ficha de modelo para preenchermos as características do servidor (dia da semana, planetas, cores de poder, etc) como se fosse uma ficha de personagem num RPG. Eu fiz isso com um amigo magista uns 14 anos atrás (é, faz tempo): fizemos um RPG para trabalhar com a energia dos servidores. Seria uma alternativa para o processo de escrever uma história. Nós mesmos costuramos bonequinhos com meias para colocar os servidores dentro, ficou tão lindo!! E fizemos o ritual de ativação num parque (as pessoas estavam olhando estranho como se nunca tivessem visto magistas com mantos negros pronunciando fórmulas mágicas com adagas nas mãos).

Nesse livro eu coloquei uns trechos de uma resenha do livro do Cunningham que eu escrevi seis anos atrás. Então não estranhe se você tiver lido minha resenha desse livro antes.

Resumindo: servidores são semelhantes a formas-pensamento; podem começar como sigilos e um dia se tornar Deuses.

Eu até tive um breve momento de nostalgia relendo essa resenha tão detalhada. Hoje em dia eu não leio esse monte de livros de magia do caos, ocultismo e filosofia que eu lia naquela época. Sinto até saudade dos anos que passei lendo livros de cristianismo. Nem isso eu faço mais. Hoje em dia leio mais livros de guerra, epidemias, biografias, um pouco de ficção e não ficção. Veremos para onde isso vai levar. Mas eu gosto da ideia de conseguir inspiração em lugares variados.

Mas e então: servidores existem ou não? Isso é uma questão relevante para alguém? É uma questão relevante para você se você é um cérebro numa cuba?

Se Deus existe e nos colocou numa cuba, como um teste, ele quer que façamos nossas escolhas morais e vivamos nossa vida como se tudo fosse real. É o que eu acredito.

Nós frequentemente jogamos um jogo como se aquilo fosse real, mesmo quando não há consequências. No caso da criação de um servidor, há consequências reais. Então, mesmo se você não tratar seu servidor no mesmo nível de existência de Deus ou de um anjo, o mínimo que se espera é que você o trate como se ele fosse mais importante que um jogo. Porque ele terá impacto real e direto na sua vida e talvez na vida de outros.

Eu acho que não precisamos nos apressar em eliminar completamente as hierarquias. Elas podem ser úteis. Comparar uma maçã com um pote de veneno é mais importante do que comparar uma maçã com um ovo podre. Ainda assim, eles se encontram em diferentes graus de importância e fará diferença entre escolher comer uma maçã, veneno ou ovo podre.

Não é o exemplo perfeito, mas eu considero que ler ou escrever uma história de ficção sem conexão direta com o mundo real e a criação de um servidor são sim coisas diferentes. Você pode se divertir criando seu servidor, mas deve se lembrar que irá tratá-lo como um ser existente e assim ele será.

Não importa se é a sua crença nele que o torna existente ou é outro mecanismo misterioso. O importante é que servidores funcionam e, conforme atestam muitos que os usaram, é real o bastante para produzir resultados.

No próximo capítulo iremos seguir os passos exatos para a criação de um servidor genérico. No terceiro seremos mais específicos. No último capítulo serão apresentados exemplos. Eles poderão ser usados diretamente, mas a ideia principal é que sirvam de modelo para que você crie suas próprias entidades.

Capítulo 2: Como criar servidores?

No capítulo anterior comentei algumas dicas que Cunningham nos dá sobre a criação de entidades. Aqui eu irei sistematizar algumas dessas etapas e acrescentar outras sugestões minhas.

Primeiro passo: você decidiu criar um servidor. Pergunte-se o motivo. Isso pode ser importante.

Ou talvez não seja. Você só quer fazer um e foda-se.

Sem problemas. Porém, se você quiser fazer o passo a passo certinho, vamos desde o começo, sem pular etapas.

1- Declarar seu intento por escrito

Essa não é uma etapa essencial, mas pode ajudar.

Não precisa ser nada formal. Você não estará enviando uma carta para Deus.

Escreva para si mesmo. Pegue um caderno com linhas, uma caneta e voilà!

Talvez você seja da geração digital e prefira escrever no computador. Ou no celular, provavelmente. Não importa.

Eu ainda gosto de cadernos. Nesse exato instante tenho nada menos que quatro cadernos na minha mesa. Eu ainda sou antiquada e gosto de sentir a textura do caderno e sentir o cheiro da tinta.

Mas eu estou falando com ocultistas que ainda acendem velas. Portanto, eu não preciso me explicar.

O mais importante é que você se explique e convença a si mesmo que a criação daquele servidor é relevante. É legal listar as diferentes maneiras que sua criação fará diferença. Isso pode te dar uma energia a mais naqueles dias que você não vai estar nem um pouco a fim de alimentá-lo ou de dar atenção para ele.

Vou escrever um texto para servir de exemplo. Não precisa ser uma redação. Um parágrafo ou uma folha bastam, a não ser que você se empolgue. Caso se anime, o céu é o limite.

Aliás, eu geralmente sugiro que você arrume um caderninho pequeno exclusivamente para seu servidor ou um caderno de servidores, que conterà as características dos vários servidores que você criará.

Repito: eu gosto de cadernos. Use o que você gosta. Se não sabe, experimente métodos diferentes e descubra. Além do caderno, computador ou celular, você pode usar um arquivo com divisórias, pasta com plástico, adesivos, etc.

Quando fiz retiros em mosteiros, as monjas sempre me passavam deveres para fazer com o auxílio da Bíblia. Alguns desses deveres envolviam desenhar e pintar. Outros escrever passagens da Bíblia numa folha, recortá-las e depois colá-las (ou prendê-las com clips ou durex). Algumas dessas folhas eram inclusive coloridas. Fica mais divertido dessa forma.

Recentemente eu comprei marcadores de páginas adesivos em muitas cores, parecidos com post-it. Não importa se você não gosta da sua letra ou se acha que não desenha bem. Sempre há formas criativas de incrementar suas anotações.

Lembro que quando eu comecei a ler livros de ocultismo e encontrava fórmulas de feitiços, eu tentava seguir tudo ao pé da letra. Não queria mudar nada, pois achava que se fizesse isso estaria cometendo um grande erro.

É importante seguir certas fórmulas da magia tradicional o mais fielmente possível, pois elas normalmente estão ali por alguma razão. Na magia do caos temos um pouco mais de liberdade e é interessante sabermos disso.

Aqui vai então o meu texto para a criação de um servidor genérico que irei inventar agora. Só para te dar uma ideia:

Boa tarde, Deus, anjos, demônios, espíritos, aliens! ☺

Hoje é dia 1º de agosto, 14:12. Não dormi ainda nessa madrugada porque a cama não gostou de mim e eu ando com uma dor terrível no ombro

direito porque eu ando escrevendo demais no computador, como estou fazendo agora, veja só!

Pensei que seria legal criar um servidor. Estamos nessa época ruim de pandemia, então pensei em criar um servidor matador de coronavírus. Ele pode ser o Coronakiller, ou talvez Come-corona, ou quem sabe Corona Mortem para ficar tudo em latim (já que parece que corona é coroa em latim).

Não importa o nome, depois eu penso. Mas acho que está numa boa época e tenho ótimos motivos para criar esse servidor. Eu poderia alimentá-lo com álcool gel. Posso fazer meu ritual de fortalecimento do servidor com uma máscara.

Já estou me animando com a ideia. Seria algo divertido e eficiente. É uma forma de eu fazer alguma coisa a respeito e ao mesmo tempo manter as esperanças.

Pronto. Esse é o exemplo de um texto curto, que divaga um pouco e já vai definindo algumas possíveis características do servidor conforme as ideias surgem.

Não há regras. Se já quiser ir fazendo um esboço de ideias que serão apenas registradas mais adiante ou fazer mesmo um rascunho do servidor ou seu sigilo, é o momento.

Um segundo exemplo:

Olá! Esse é o início do meu Caderno dos Servidores.

Irei usar esse caderno somente para a minha categoria de Servidores Fantasmas. Foi uma categoria de servidores que eu inventei. Mesmo que alguém já tenha pensado nesse termo antes, não tem problema.

Achei interessante criar essa categoria de seres para resolver o problema do gato de Schrödinger. Não, mentira, não tem nada a ver com isso. Nesse caso eu poderia criar uma categoria de Box Servers ou Servidores em Caixinhas. Que tal mini servidores para esconder embaixo do esmalte?

Mas voltemos aos servidores fantasmas, com letra minúscula, para que eles não se sintam assim tão importantes. Na verdade, eles são importantes no meu coração. ♥

Existe esse problema de se os servidores estão vivos ou são imaginários, então eu acabei de resolver esse problema. Os meus servidores são fantasmas. Por quê?

De repente eles são formados com os restos de outros servidores perdidos em outras dimensões? É uma atitude caridosa, porque eu quero recuperar restos de servidores esquecidos. Mas nesse caso não seria um Servidor Frankenstein?

Ou eu posso matar os servidores e revivê-los de alguma forma. Por que eles são fantasmas?

Não sei, estou confusa, mas foi bom escrever esse texto porque assim aos poucos as peças se encaixam.

Vamos ao exemplo 3:

Problema: dor no ombro.

Solução: as convencionais, médico, gelo, etc.

Mas para dar uma forcinha, vamos fazer um servidor.

O objetivo do servidor será diminuir minha dor no ombro. Ele será ativado e fortalecido de uma forma que eu não use os músculos do ombro. Na verdade, pode até ser alimentado com compressas de gelo. Assim já uso a solução material com a espiritual e crio uma rotina.

Ele vai se chamar... Ombralívio. Coitado dele, que nome feio. Então ele pode ter um sobrenome como consolo: Ombralívio de Gelo. Pronto, melhorou?

Ele será um gelinho com rabinho de fantasma. Vou adicioná-lo na categoria de servidores fantasmas. Ele estava morto e depois reviveu, é sinal de determinação.

OK, acho que esses três exemplos bastam por enquanto para a primeira fase.

Na verdade em meus exemplos eu já fui um pouco além. O ideal é começar escrevendo os motivos de você querer criar um servidor, falar da importância e se focar mais nisso.

Claro, se for algo objetivo é mais fácil: sinto uma dor e gostaria de diminuí-la. Isso é bem direto.

Ou você pode estar entediado. Quer ter um dia diferente, uma semana, um mês com algo especial.

Depois de escrever o texto, releia, de preferência em voz alta. Vejamos se soa convincente.

Qualquer coisa, basta acrescentar mais motivos. Ou iniciar um segundo texto, sem riscar o anterior.

Acho importante tentar deixar as marcas do seu progresso por lá, sem riscar ou apagar, a não ser que você sinta que será mais organizado dessa forma. Mas há um certo conforto na desordem. Alguns caoístas se sentem realmente confortáveis em meio ao caos. Pois no meio da desordem às vezes, naturalmente, surge ordem. E se não surgir naturalmente você dá um empurrãozinho.

2- Etapa divinatória

Essa também é opcional. Sugestão do Cunningham.

Pegue seu método divinatório favorito: cartas de tarot, bola de cristal, borra de chá, escrita automática, tabuleiro ouija (opa! Aproveita e chama o demônio para o chá!).

Você pode escolher um método divinatório que tenha relação com seu futuro servidor. Ou você pode rezar, meditar, pedir um sinal, enfim. A ideia é marcar um horário para fazer algo diferente naquele dia, que envolva se comunicar com outra entidade ou oráculo.

É uma forma de confirmar se você deve ou não seguir em frente com a criação do servidor.

Digamos que suas cartas de tarot te alertem para ter cautela. Pode ser que você decida criar seu servidor mesmo assim, mas com mais cuidado. Talvez crie um segundo servidor junto para servir de suporte e proteção. Ou inclua um equipamento para seu servidor se proteger em sua jornada, como um amuleto.

Lembre-se que a etapa divinatória além de opcional é apenas uma mensagem. Mas preste atenção. Talvez você possa apenas adiar a criação do servidor. Ou possa criar um tipo de servidor um pouco diferente.

O método divinatório não serve para te fazer entrar em pânico. Você não irá necessariamente receber uma mensagem assustadora do além que marcará seu destino para sempre. Em geral, métodos divinatórios não são um destino. São mensagens, mas você mantém seu livre-arbítrio.

A decisão final deve ser sua. Você não é escravo ou refém de suas cartas ou runas.

Em meus estudos de cristianismo eu aprendi que o livre-arbítrio é algo precioso. Você não é uma marionete ou fantoche. Não é um brinquedo dos Deuses.

Você é um ser completo, pensante e com emoções. Mesmo se você receber um alerta forte de perigo, se sente que deve ir em frente, apenas vá. Isso também pode ser um teste.

Algumas vezes o mundo inteiro está contra você. É mais confortável recuar e usar desculpas: “As cartas me disseram para tomar cuidado”. Sim, elas disseram e pode ser que estejam mesmo certas. Mas na vida existem coisas mais preciosas que apenas nossa segurança e nosso conforto.

3- Visualizando seu ser

Você pode aproveitar a etapa divinatória e já prosseguir para a próxima.

Após receber o OK do plano astral, aproveite e faça, por exemplo, uma meditação segurando uma caneca de chá ao lado da carta de tarot ou runa que retirou.

Talvez você enxergue na meditação uma imagem mais clara do seu servidor. Faça exercícios respiratórios. Se quiser, pode beber um chá ou escutar uma música que tenha relação com seu futuro servidor, para se inspirar.

Pode experimentar escrita automática ou desenho automático.

Pegue seu caderno. Você já terá as primeiras ideias de sigilos para seu servidor. Irá pensar opções de nomes e fará desenhos.

4- Ficha do servidor

Hora de montar a ficha completa!
Não tem problema se as ideias não vierem de uma vez. Aqui estão algumas características que poderão constar na ficha:

Nome do servidor:
Sobrenome (opcional)
Frase (opcional)
Símbolo/sigilo:
Mantra:
Cor:
Elemento:
Planeta:
Dia da semana:
Hora:
Equipamentos:
Força:
Fraqueza:
Características:
Data de nascimento:
Data de morte:
Alimento:
Desenho:

Vários desses elementos podem ser opcionais. Ou você poderá acrescentar outros.

É importante acrescentar o sigilo do servidor e um desenho simples de sua aparência. Pode colocar junto também o símbolo do alimento e algum equipamento de proteção ou poder (anel, capa, espada, escudo, etc).

Posteriormente você poderá fazer uma versão tridimensional do seu servidor com argila, massa de modelar ou outro material. Se preferir, você pode comprar uma pequena estátua ou outro objeto que julgue ter relação com seu objetivo.

Caso use um objeto qualquer da sua casa, poderá energizá-lo antes ou declarar que ele será usado somente para aquele propósito durante aquele período.

Objetos possuem as energias dos ambientes, pessoas que encostaram neles, etc. Então você pode enterrá-los em areia, sal, lavá-los, passar incenso, tocá-los com os quatro elementos ou outro rito parecido.

5- A Casa e o Templo

Não importa o termo que você utilize. Você pode desenhar um mapa se quiser. Pode desenhar uma casa também.

Você irá estabelecer uma residência fixa para seu servidor no plano astral. Ao mesmo tempo, irá montar uma casa para ele nesse plano.

Você pode escolher apenas um objeto para representar a casa do servidor, para onde ele irá no horário diário dedicado à alimentação e fortalecimento.

Mas se desejar, pode ter um objeto para representar o servidor e outro para representar a casa.

Se quer fazer a coisa completa, use um terceiro objeto para representar um templo, mas não é necessário.

É sempre mais divertido construir você mesmo os objetos. Principalmente porque terão sua energia. Mas não há problema em escolher cuidadosamente um receptáculo já pronto que você goste.

6- Fontes de Energia

De preferência, sugiro o sistema híbrido.

Todo dia, fortaleça seu servidor com sua própria energia. Ou escolha uma fonte de energia literal ou simbólica. Por exemplo, um pouco de água, óleo ou uma pequena porção de comida.

O ideal é que quanto mais exótico melhor, pois cria a atmosfera ritualística necessária. Mas dividir uma pequena

porção de sua refeição de costume com o servidor também cria uma atmosfera de proximidade e afeição.

Caso você se esqueça ou não possa alimentá-lo em alguns dias, estabeleça para onde ele deve se dirigir para buscar energia. Senão, ele poderá buscar energias de fontes desconhecidas e talvez perigosas, o que pode interferir nos resultados.

Você não tem o controle completo dos resultados. Você apenas declarou suas intenções.

7- O Nascimento

Estabeleça previamente o dia, horário e local. Nessa ocasião, você irá se recolher em seu altar e celebrar o nascimento do servidor.

Poderá iniciar com uma meditação e uma divinação, por exemplo. Se quiser se comunicar diretamente com o servidor, existem meios divinatórios para isso. Você poderá explorá-los.

A ideia é a de uma cerimônia discreta, mas a escolha é sua. No final, poderá ser feita uma pequena festa.

Caso o dia da morte do servidor já esteja previamente decidido, informe a ele também.

Você irá explicar ao seu servidor qual a sua missão e propósito nesse mundo.

Se preferir, você pode escrever uma carta. Vou dar um exemplo.

8- Carta de Boas-vindas

Meu querido servidor,

Hoje, dia X, mês X, ano X, na hora X você nasceu, conforme foi determinado. O local X é de seu nascimento.

Seu nome é Cessa Lágrimas. Apenas Cessa, para os íntimos. Sua função será secar as minhas lágrimas enquanto elas durarem. Pelo menos por uma semana, pois eu estou muito triste.

Determinei que a duração de sua vida será de exatamente uma semana. Essa será a data e hora exatas de sua morte: X/X/X, XX:XX.

Toda noite irei compartilhar com você a minha tristeza. Não quero que você acabe com a tristeza agora, pois eu preciso um pouco dela e também das lágrimas.

Seu nome é Cessa porque soava bem como mantra. Mas sua função real será compartilhar as lágrimas comigo. Se eu não conseguir chorar nas ocasiões de nosso encontro, irei te ofertar algumas gotas de água com sal.

Houve a morte de um ser. Você também é um ser, embora diferente. Também ficarei triste com sua morte, mas será uma forma de dar adeus a essa alma.

Sou sua criadora e declaro que essa é sua missão nesse mundo. Teria sido muito mais fácil se Deus tivesse me dito claramente qual é a minha missão. Mas se eu não gostasse dessa missão, talvez fosse ainda mais doloroso do que ter minha liberdade.

Hoje é um dia triste, mas também é um dia de festa porque você nasceu.

Fix uma casa ridícula para você, feita de lenços de papel. Queria que parecessem nuvens, mas parece um monte de lixo, desculpe.

Essas são suas características: você se fortalece no elemento água e enfraquece com fogo.

Hoje arranjei um presente especial..

A carta seria mais ou menos assim. Pode até ser mais longa.

Você pode escrever, lacrar a carta e abri-la somente no dia do nascimento do servidor. Nesse momento vocês lerão a carta juntos.

9- Alimentação

A duração de vida do seu servidor dependerá de quanto tempo você está disposto a fortalecê-lo.

Não adianta fazê-lo durar um ano, por exemplo, e alimentá-lo apenas uma vez por mês. Você irá esquecer dele. Sei que a ideia é não pensar no servidor na maior parte do dia, principalmente se ele se originar de um sigilo. Mas também não adianta deixá-lo jogado.

O ideal é alimentá-lo uma vez ao dia. Mesmo que sejam apenas cinco minutos. De preferência no mesmo horário.

Acho que uma vez por semana é pouco. Que seja pelo menos umas duas ou três vezes. A não ser que você marque um encontro semanal de, digamos, meia hora ou uma hora. Nesse caso, será um encontro longo e apenas um encontro longo pode substituir encontros curtos em alguns casos.

Isso é apenas minha opinião e como eu sinto que funciona para mim. Eu uso como parâmetro a operação de Abramelin em que há rezas de duas a três vezes por dia.

É difícil manter a regularidade e fidelidade, mas é importante ir até o fim uma vez estabelecido o intento.

Mesmo que você não faça direito, comprometa-se a ir até o fim. Se surgir algo urgente, um imprevisto, realize um ritual formal o quanto antes para informar o servidor. E façam uma nova combinação a partir de então.

Sim, é possível alterar posteriormente várias características do servidor, incluindo seu nome, símbolo e até tempo de vida. Mas tudo isso irá exigir energia ou algum tipo de pequeno sacrifício em troca da exigência.

Os momentos de alimentar o servidor podem ser divertidos. Ou quietos, filosóficos, como preferir.

Se você se sentir solitário apenas com seu servidor, pode convidar outros seres astrais para a festa. Ou no caso de ser mais de uma pessoa fortalecendo, o ritual em geral tende a ser mais elaborado e mais longo.

Tudo isso são apenas sugestões minhas e o que eu sinto que funciona. Arrume o ritual do seu jeito.

10- Morte

Você também pode escrever uma carta de adeus. Ou se não quiser ser tão dramático, pode ser algo bem simples.

Lembro da primeira vez que fortaleci um servidor, que na verdade foi uma forma-pensamento. Encontrei o ritual num

livro de ocultismo. Durou uma semana e realizei o ritual todos os dias.

Achei que seria triste o dia da morte e talvez tenha sido um pouco. Mas acho que apenas aceitamos que devia ser dessa forma. A despedida foi algo estranhamente natural e pareceu certa.

O processo em si da criação de um servidor é algo relativamente simples. Não há mistério.

Depende do seu estilo. Se você quer ser simples e objetivo, talvez se dê melhor usando mais sigilos do que servidores (a não ser que você use um estilo de servidores do tipo fast magick, tipo sigilo). Em geral, quem se interessa por servidores tem certo gosto por magia cerimonial e busca algo um pouco mais elaborado.

Usar servidores pode ser um desafio para quem está acostumado a lidar com algo mais pessoal e inanimado como sigilos.

Se você já está acostumado a se comunicar com entidades (como uma monja me disse rindo uma vez: “Toda manhã os anjos me trazem flores e um corvo me traz um naco de pão no bico”) pode se sentir mais à vontade em conversar com seu servidor.

Rezar, por exemplo, pode ser um processo estranho para quem não está acostumado. Ou falar na frente de uma câmera.

Mas para quem faz isso todo dia, não é nada extraordinário. Se você consegue conversar com Deus, consegue conversar com um servidor, não é mesmo?

Ou talvez você pense que Deus é Deus e cuida de si mesmo, mas aquele servidor está sob sua responsabilidade! É uma vida!

Sim, talvez isso seja assustador. Mas se você tem um cachorro ou um filho, já passou por desafios maiores, então irá vencer esse.

Quando comecei a praticar magia e fiz meus primeiros rituais eu ficava meio atrapalhada, sem saber o que falar. Eu gostava de dizeres prontos, era mais simples. Mas aos poucos eu aprendi a

improvisar e a dizer as coisas que surgiam no momento, como uma conversa entre amigos.

Inclusive, eu acho que o processo da vida e da morte de um servidor pode nos ensinar um pouco sobre o processo de viver e morrer. Sobre a duração de uma vida, sobre cada um ter uma missão e um propósito.

Mas fique à vontade e faça experimentos com seus servidores. Você pode declarar, por exemplo, que o objetivo daquele servidor é ser um experimento. E seguir.

A diversão de criar servidores é usar a criatividade. É aproveitar a oportunidade para escrever, desenhar, pintar, criar um tipo de personagem, uma casa, um mapa. Tudo isso faz parte do processo.

Afinal, por que usar um servidor em vez de se comunicar com um Deus, anjo ou outra criatura já existente?

De certa forma, o servidor é uma parte de nós. É uma forma de se autoconhecer. De descobrir os muitos “eus” que habitam em você.

Todo o processo de criação do servidor, a criação do símbolo, a montagem da escultura, recitar um mantra, etc, faz parte do ritual, desde o começo. Mas é um ritual dividido em várias partes.

Há muitas coisas na nossa vida que não parecem rituais, mas são extremamente importantes. Lembrem que eu falei na introdução sobre a importância do corpo?

Com o uso de sigilos ou feitiços simples, às vezes apenas rabiscamos um símbolo em algum lugar, ou só acendemos uma vela e pronto.

É claro que essas magias mais rápidas também são ótimas e muito úteis. Mas quando temos mais tempo ou temos problemas mais complicados, um servidor ou uma magia cerimonial pode ser uma alternativa que demanda mais tempo e paciência, mas que podem trazer mais resultados.

Como eu disse antes, não significa necessariamente que uma magia mais complicada, mais longa e com mais utensílios seja melhor. Mas ela tem um grande potencial de nos inspirar e de

mover mundos. Não só porque o exterior inspira seu interior, mas porque você não é o único ser assistindo e participando de tudo aquilo.

Eu gosto muito de meditações e orações. Mas eu também gosto daqueles rituais que exigem diferentes movimentos do corpo.

Uma missa, por exemplo. Ou outro ritual religioso, com diferentes etapas. Eles usam o corpo, valorizam o corpo e suas diferentes possibilidades.

Nós falamos, recitamos, cantamos, dançamos. Ou alternamos ficar de pé, ajoelhados, sentados. Acho que é uma forma de celebrar o nosso corpo e não somente a nossa mente e nosso espírito.

Eu gosto de servidores porque é a forma de dar um corpo a uma entidade. Pense só: um corpo!

O ser humano e outros seres que possuem corpos possuem muita sorte. Às vezes achamos que ter um corpo é um fardo e invejamos os anjos. Mas, como dizem os cristãos, Jesus escolheu vir para o mundo como humano e não como anjo. E com isso deu um significado ao sofrimento e à morte.

Buda também deu significado ao corpo. Não somos menos por ter um corpo. Ao contrário, criar um corpo e um templo para um servidor é dotá-lo desse algo especial que os seres humanos possuem, para que assim possamos nos comunicar e interagir. Para que ele tenha mais mobilidade nesse mundo material.

A vida é um tipo de sonho. Nós recebemos alguns anos ou décadas nesse mundo. Como caoísta, você pode achar que viver e morrer têm significado, que não têm significado nenhum ou que isso não importa.

Independente de você descobrir sua missão ou inventá-la, acredito que o exercício de criar servidores seja um passo nessa direção.

Toda vez que você cria um novo servidor, é um novo início para você: um novo nascimento e morte, com uma missão

definida. Não é um mero exercício de autoconhecimento. É um exercício enorme.

Já devo ter falado em outros lugares de servidores espelho, um servidor que criamos para representar a nós mesmos. Ou um servidor que pode atuar como um bonequinho de voodoo, para que possamos realizar, por exemplo, uma cura.

De qualquer forma, assim como considero a magia de Abramelin importante, eu diria que o processo de criação de servidores é quase um treinamento para Abramelin. É algo parecido, com durações mais curtas e vastas possibilidades de experimentos.

No próximo capítulo, vamos falar mais sobre categorias de servidores. Você mesmo pode inventá-las, de acordo com tipos específicos de servidores que julgue úteis, criativos ou interessantes.

Capítulo 3: Servidores Fantasmas

O que vimos nesse livro até agora:

O que é magia.

O que é magia do caos.

O que são servidores.

Como criar servidores.

Se até agora eu consegui responder pelo menos metade dessas questões, já é alguma coisa.

Mas eu suponho que se você já acompanha magia do caos por algum tempo, nenhuma dessas questões seja realmente novidade. Na verdade, eu apenas disse o óbvio.

Porém, o óbvio é o mais frequentemente perguntado. Até porque a resposta de muitas questões mais complicadas muitas vezes se esconde no básico. Por isso é frequentemente necessário rever o básico de novo e de novo.

Talvez você mesmo pudesse tentar responder essas perguntas e verificar como se sairia. Em uma frase ou um parágrafo.

Não gosto de propor desafios que eu mesma não possa cumprir, então vamos experimentar em duas frases:

O que é magia? Aprender a viver, alegrar-se, sofrer e morrer com coragem. Se você for um covarde, ao menos tentou com todas as forças aprender a arte da boa vida e da boa morte.

O que é magia do caos? Fazer a mesma coisa acima, mas com mais humor, tranquilidade e criatividade. Os crentes atribuem a Deus o que não podem mudar e os caoístas podem “culpar” Madame Caos ou Éris.

O que são servidores? Assim como sigilos, significa resolver seus problemas em partes, como Jack. Você não precisa salvar o mundo ficando perfeito da noite para o dia, mas com cada servidor caracterizar uma parte sua e lidar com as coisas de forma mais direcionada, divertida e artística.

Como criar servidores? É basicamente uma versão mais simples, curta e criativa da operação de Abramelin. Em vez de

preparar-se para receber seu magnífico anjo, você faz o papel de Deus e lida com os pequenos anjinhos que criou.

Como vê, há diferentes maneiras de responder as mesmas perguntas. Você pode falar de certo, errado ou do que funciona, mas no caos é importante ter estilo.

Você pode observar: se magia é aprender a arte de viver e morrer, os antigos gregos e romanos já faziam isso, mesmo os filósofos. Sim.

Qualquer pessoa deve passar pelo processo de nascimento, vida e morte. E nós só aprendemos a fazer isso vivendo e sofrendo.

Alguns parecem se sair melhor do que outros. Mas nem sempre podemos julgar observando de fora.

Eu por exemplo, talvez pareça uma pessoa que sabe o que diz, mas frequentemente eu me surpreendo com meus momentos de irritação, tristeza e imaturidade. É uma boa ocasião para sermos humildes e não julgarmos as dificuldades dos outros.

Você não precisa ser um Mago com M maiúsculo no sentido tradicional da palavra para aprender a viver bem. Você pode ter uma religião. Ou outro tipo de crença: no amor, na humanidade, ajudar os outros, enfim.

Existem pessoas com crenças admiráveis e atos tolos; e vice-versa. No fundo, ninguém escapa disso. Eu nunca escapo de ter crenças e atos tolos. A cada dia me admiro com minha nova tolice, mas no final do dia fico contente se consigo rir de mim mesma.

Às vezes não devemos levar a vida tão a sério, porque Deus ou Éris irá cuidar de tudo. Outras vezes devemos ser sérios por princípio.

A magia em geral e a magia do caos são frequentemente acusadas de serem elitistas: de conterem ensinamentos difíceis e “ocultos” com acesso apenas a uma minoria de iniciados. Sim, a magia do caos é bem aberta, mas para entender a “paródia” do caos, primeiro é preciso entender uma piada difícil.

Por outro lado, existem algumas minorias que se sentem excluídas por algumas grandes religiões e encontram sua voz na magia e no caos. Também por isso acredito que a magia é importante. Além do mais, a nossa cultura, o entretenimento, que envolve muita arte com histórias de fantasia voltadas para jovens encontra seu correspondente imediato no ocultismo.

Sem dúvidas, o ocultismo e a magia são formas legítimas de aproximar as pessoas, da obtenção do autoconhecimento e de um contato maior com a espiritualidade. Uma forma de se conectar consigo mesmo e com o mundo. Se somos tímidos, contatar Deuses, espíritos ou fazer servidores pode ser um primeiro passo.

Como é maravilhoso ver algo nascendo de nossas próprias mãos, de nossa energia! Eis o encanto de um servidor.

Também é majestoso o encontro com um ser mais antigo, como um Deus ou anjo. É uma energia diferente.

Por isso, o encontro de um ocultista com um elemental da natureza ou um servidor pode servir como um início de amizade, curiosidade e aprendizado.

Ao longo da vida, nós passamos por várias fases, de acordo com nossa idade, experiências de vida e outros momentos importantes. É fundamental respeitar cada uma de nossas fases, em vez de considerar nossos momentos antigos tolos ou infantis.

Eu gosto de trabalhar com servidores porque também é uma descoberta de nosso lado inventivo de criança. Quando somos crianças temos menos medo de errar. Nós criamos seres e mundos imaginários e eles são totalmente reais para nós.

Podemos resgatar isso. O próprio ato de desenhar, colorir, recortar, colar, manter cadernos, fazer cartas para um “amigo imaginário” chamado servidor não é tolo e sim cem por cento mágico. É magia pura, em sua forma mais fundamental.

É a criação pura! É escutar a nossa própria respiração, a nossa voz, a nossa arte.

Podemos buscar inspiração em muitas partes: no belo e no feio, na vida e na morte.

Sim, o mago busca aprender a viver e morrer bem, como qualquer pessoa. Como os outros, ele se envolve com a arte, mas ele não se sente um espectador. Ele é um protagonista. A arte não é apenas um brinquedo. É sua varinha, seu quadro no qual ele molda a realidade.

O mago é um artista que não pinta um quadro para que seja apenas belo. Ele criou algo vivo, pulsante. Colocou para fora uma parte de sua alma.

Isso é um servidor. É um pedaço de alma. É dar vida a uma criatura, com o próprio sopro.

Em meu livro “Grimório da Insolência” falo sobre uma ideia antiga que tive: os personagens do meu livro “Fábula dos Gênios” (desculpe, eu tenho mais de cinquenta livros, não se sintam na obrigação de ler todos) usam uma magia de porcentagem que envolve vida e morte.

Eles podem usar uma magia que envolve estar 80% vivo e 20% morto, por exemplo. Afinal, nós geralmente descrevemos o ser humano como vivo agora e, de uma hora para outra, morto.

Porém, o processo de morte já inicia ao nascimento. Então é como se, ao passar dos anos, fôssemos consumindo uma porcentagem da vida. Em caso de acidentes ou em mortes na juventude, essa porcentagem se consome mais rápido, de forma misteriosa.

Mas o que é a vida? O que é essa coisa que sai de nós quando morremos?

Lembro que li algo curioso sobre isso no livro “O Segredo dos Corpos” de Vincent di Maio, médico forense. Uma vez alguém perguntou se ele já tinha visto um cadáver bonito. Ele respondeu que não via mais uma pessoa em suas dissecações. Era apenas um corpo. Pois a vida já havia se ido, como se fosse algo que parte quando a pessoa morre. O que sobra é apenas a casca. E trabalhar com cadáveres fez com que ele acreditasse mais fortemente em Deus.

Existem pessoas ao nosso redor que estão muito doentes, mas que parecem mais vivas do que muitas. Enquanto isso, há

as que estão saudáveis por fora, mas por dentro sentem como se já fossem cadáveres.

É uma situação difícil nos dois casos. Mas é normal que magistas ou pessoas espiritualizadas acreditem em... alguma coisa que não sabem explicar.

Muitos não gostam de chamar de Deus ou alma, devido ao peso negativo que essas palavras frequentemente carregaram através dos séculos.

Por isso, disse Peter Carroll em seus livros, para não precisar usar a palavra “Deus” ou “Tao” ele preferiu usar Caos. É uma palavra que certamente apela à época contemporânea sem toda a carga histórica pesada das religiões mais antigas.

Eu não tenho dúvidas de que muitas pessoas que viveram na Grécia e Roma antiga tinham problemas com os preconceitos das religiões de sua época. Foi esse um dos fatores que levou à morte de Sócrates.

Porém, como temos uma visão mais positiva da Antiguidade Clássica, devido ao otimismo do Renascimento, achamos que alguém como a Deusa Éris parece mais simpática.

Mas, como os caoístas sabem, isso também é um paradigma, uma ferramenta. É só uma forma de ver as coisas. Pode funcionar hoje e não funcionar amanhã.

Os sigilos e os servidores ficaram famosos na magia do caos porque são boas fórmulas para não nos atermos a fórmulas. As regras de criação de servidores são simples e autoevidentes, permitindo diversas possibilidades.

Como sempre, o diabo está nos detalhes.

Novamente, sinto vontade de citar “O Exorcista”. O brilhantismo do livro (e do filme) está nos detalhes de situações simples.

As novas gerações não querem saber de ir para a missa e cantar ladainhas. Não querem ouvir falar em amor. A morte e o diabo parecem muito mais atraentes. Por isso o grande sucesso do satanismo entre os mais jovens. E, por que não, da própria magia do caos.

Como eu costumo dizer, a genialidade de “O Exorcista” foi trazer a crença em Deus através do diabo. O autor do livro é um católico dedicado, que conhece catolicismo a fundo e estudou um caso real de exorcismo.

Uma situação de exorcismo é uma jornada do herói com um inimigo claro: o diabo. Dizem que Deus deixa o diabo a solta para nos tentar e que somente através da superação de suas provações podemos evoluir espiritualmente.

Hoje em dia não faz muito sucesso essa coisa maniqueísta de Deus versus diabo, bem versus mal. Porém, o diabo não é perigoso porque ele é feio e burro. Ele é perigoso exatamente por ser tão inteligente, belo e sedutor.

Você pode criar os servidores que quiser: um servidor simples, comportado e gentil. Mas também pode se desafiar criando um servidor diabólico.

Mas por que raios você faria isso? Pelo mesmo motivo que pessoas fazem penitências: para dificultar sua vida com o objetivo de superar aquela provação.

Eu gosto de desafios. Eu adoro o cristianismo da Idade Média, em que se fala bastante do diabo e de inferno. É um cristianismo forte, quando não despenca para o lado do espetáculo e da culpa.

Da mesma forma, podemos abordar o tema das penitências, da dor e da morte de forma madura no ocultismo. Não de forma a trazer desespero, medo e tristeza, mas para nos tornar mais fortes e corajosos.

Portanto, você pode criar um servidor para ser seu adversário, para te trazer desafios, para dificultar a sua vida. É difícil pensar porque alguém faria isso. Mas por que, afinal, as pessoas fazem jejuns religiosos? Por que tantos indianos vão meditar em cavernas solitárias, no calor escaldante do deserto ou no frio?

Geralmente pensamos na magia do caos como diversão, conforto, boa vida e prazeres, mas não é isso. A magia do caos aponta para todas as direções. Ela tem o potencial de se tornar qualquer coisa.

Você pode, por exemplo, criar um servidor surpresa. Um desafio para sua semana.

Os antigos praticavam a sortes bíblicas: um método divinatório, praticado por São Francisco de Assis, em que você abria a Bíblia ao acaso e recebia uma mensagem.

Você pode usar algo assim para criar um servidor aleatório. Pode ser a página ao acaso de um livro. Quem sabe do seu livro favorito. Será ainda melhor para que você crie um servidor que retrate aquela passagem com precisão.

Fique à vontade também para criar servidores do tipo penitência ou pedra no sapato. Quem sabe você possa desenvolver dois servidores: o inimigo e o herói.

Ou talvez você não goste dessas coisas. Faça como prefere, contanto que exista um desafio real.

Você pode usar diferentes categorias de servidores: um servidor espelho, parecido com você; ou dois servidores gêmeos para tarefas semelhantes.

Isso seria bom como experimento: criar servidores gêmeos que usarão abordagens diferentes para resolver um problema. É uma forma de descobrir onde diabos você errou.

Finalmente, há os servidores fantasmas.

Não sei se já existe algo assim. Até que alguém prove o contrário, eu inventei o termo, então você não precisa procurar em outro lugar e pesquisar. Pelo menos não por enquanto.

Não tenho a menor intenção que os servidores fantasmas se tornem mais do que uma subcategoria de servidores impopulares e pouco usados.

Afinal, quais são os nossos servidores preferidos? Servidores que resolvam prontamente nossos problemas com um feitiço, com um passe de mágica, mais rápidos do que um sigilo.

Servidores para curar uma doença, para nos dar mais disciplina, para nos fazer acordar cedo, para conseguir dinheiro, para melhorar o desempenho sexual... servidores assim sempre serão populares.

Você não precisa fazer propaganda desses servidores. Nós naturalmente corremos para eles. Eu mesma não acharia nada

mal um servidor para resolver a dor do meu ombro e ele seria uma prioridade.

Eu entendo completamente e concordo com esses desejos. Saúde é ótimo, ter dinheiro para um pouco mais do que meramente não morrer de fome é um desejo válido. Eu não gosto de moralistas que criticam o óbvio.

Por outro lado, eu gosto de pensar que o diabo é popular em certos círculos porque promete atender desejos e prazeres imediatos. Enquanto isso, Cristo promete a quem os segue, até mesmo aos seus amados discípulos, apenas sofrimento, perseguição, tortura e morte. E é exatamente isso que eles recebem.

E o que ganha quem segue Buda? Muito prazer e dinheiro? Não, ganha dores nas costas, cãimbras nas pernas de tanto meditar, desconforto e.... vazio.

Não é exatamente o que você busca quando vai atrás de uma religião: sofrimento, morte e vazio.

Exatamente por isso eu considero budismo e cristianismo religiões atraentes. Um está meditando com um sorriso enigmático no rosto: somente ele conhece o segredo daquele sorriso. O outro está pregado na cruz derramando sangue. Não é o que você deseja quando vai atrás de uma religião.

Você quer paz e alegria. Mas será que nascemos para ter paz e alegria?

Eu gosto da magia do caos porque ela não dá respostas óbvias.

No caoísmo o objetivo não é usar um monte de sigilos e servidores para obter qualquer coisa que você quiser em dois segundos. Não é isso que faz um bom mago. Isso te faz um bom feiticeiro, dizem os boatos.

Como eu disse antes, não há uma régua para medir bons caoístas. Ninguém vira um “santo caoísta” por se martirizar por Éris.

É uma boa coisa saber usar sigilos e servidores com eficácia. Mas a eficácia depende do que você deseja. Das suas prioridades.

Quando ouvimos falar de sigilos e servidores, vemos que os populares são os que te dão mais tempo para fazer as coisas (o Fotamecus altera sua percepção do tempo). Pelo menos eu não ouço falar em pessoas que usam o Fotamecus para diminuir o próprio tempo de vida. A não ser que desejem que situações desagradáveis específicas passem rápido.

A caosfera aponta para todas as direções e te convida a desafiar a si mesmo. Desafie-se! Teste seus paradigmas.

Os paradigmas que nos dão confortos e prazeres já foram muito usados. Eles estão saturados.

Que tal usar sigilos, servidores e feitiços que te ferram? Ou seja, sigilos e servidores na forma de penitências? Gnose excitatória, inibitória ou outras possibilidades.

O caoísmo, por ser uma escola de magia influenciada pela contracultura, tenta caminhar para longe do óbvio das religiões (incluindo jejuns e penitências) e promove a alegria e a piada. Mas o caoísmo em si não é contra nenhum paradigma em particular, a priori.

Sim, já ouvimos falar de caoístas que usaram feitiços de formas loucas e ridículas. Esses também são divertidos e originais.

Você pode, é claro, ser um caoísta cristão ou budista. Pode ser um caoísta que realiza penitências.

Por que alguém escala uma montanha? Não pode ser apenas pelo prazer de escalar, pois há muito sofrimento e risco envolvido.

Mas há sim a busca pelo desafio, por superar os próprios limites.

O caoísta pode se desafiar pela aventura, pela jornada, pelo perigo. Mas que tipo de perigo buscamos?

O magista tradicional fala muito de desenvolvimento espiritual. É o caoísta?

O caoísta poderá se identificar com um caminho após experimentar vários deles. Mas após ter vestido tantas peles, no fundo ele se sente em casa em qualquer caminho.

Quando começa a criar sigilos e servidores, ele acaba se acostumando a usar mais ou menos os mesmos. Logo, vem o desejo de se desafiar, tentar algo novo.

Você pode criar novas classes de sigilos, servidores ou de qualquer tipo de feitiço.

Você não precisa usar servidores fantasmas. Pode usar servidores mortos, servidores zumbis, servidores mortos-vivos.

Para mim, todos esses serão apenas termos para descrever basicamente a mesma coisa.

Minha definição de servidor fantasma é aquele servidor que desafia a definição tradicional de vida e morte.

Afinal, a própria definição de servidor já implica essa dualidade: ele é real ou imaginário? É uma pergunta incômoda.

Você pode resolver esse problema rapidamente. O seu servidor não está vivo e nem morto. Ele é um fantasma, uma sombra.

Sim, eu poderia chamá-los de servidores do tipo sombra. Mas eu prefiro fantasma, pela conexão mais próxima com a morte.

Em geral, um fantasma é definido como um ser que nasceu, morreu, mas não foi completamente para o outro lado. Ele ainda “assombra” o mundo dos vivos.

Sim, ele assombra. Fantasmas assombram e não nos dão paz.

É comum que busquemos a religião ou o ocultismo em busca de “paz”.

Vamos meditar para ter “paz”. Mas Buda não meditava para ter paz. Ele não se retirou para as florestas em busca de paz, mas em busca da guerra. Ele teve que vencer uma violenta guerra interior.

Ele provocou essa guerra, com suas penitências difíceis. Jesus também não escolheu o caminho fácil. Ele escolheu o caminho da perseguição e morte.

Então a ideia de um servidor fantasma é de um servidor que não está por perto para resolver os seus problemas, mas para te assombrar e te trazer problemas.

A princípio, isso parece algo ruim, mas seria no mesmo sentido de ter um servidor demônio, te tentando. Deus se esconde no momento da tentação e só reaparece quando você triunfa.

Pois bem. Um servidor fantasma habita o vale da estranheza e te gera desconforto. Ele não existe para resolver os seus problemas, mas para te assombrar e te criar problemas.

Mas, você me dirá, a vida já é cheia de problemas. Por que eu tenho que criar mais?

É exatamente por isso. Você simula problemas para poder enfrentar os desafios reais quando eles surgirem. Não é essa a ideia de provas? Realizar questões difíceis, que te farão estudar muito e estar preparado para a realidade?

Eu aprecio os jejuns da Quaresma e do Ramadã porque eles são desafios. Quando você tira uma parte da comida, aquilo te coloca numa situação de desespero e humildade e você chama Deus.

Mas quem o caoísta vai chamar? Ele poderá apelar para Deus, para Éris, para suas próprias forças, para seus companheiros de jornada desse mundo ou do outro. Não importa.

Quando estamos em dificuldade, até a ajuda do diabo é bem-vindo. Só queremos encontrar um meio de sair daquele desespero.

É por isso que os servidores fantasmas podem ser desafios como escalar uma montanha ou fazer um jejum.

Repito: o objetivo desse servidor não é resolver um de seus problemas, mas criar um novo problema. Quem sabe esse novo problema seja tão grande que até te dê mais forças para que você lide com o problema menor.

Quando saímos de um jejum religioso estamos renovados e corajosos, após o período de baixa energia e melancolia. Mas até durante o período de jejum podem surgir momentos de enorme emoção.

É difícil explicar a dança da dor e do prazer no mundo. As religiões já tentaram.

Uma das maiores dificuldades é lidarmos com dor e morte. A gripe espanhola de 1918 ocorreu na época da Primeira Guerra e era muito mais letal que a COVID-19. Ainda assim, havia algo ainda pior do que a pandemia acontecendo (a guerra), o que tornou a tragédia da doença mais uma entre muitas. Agora mesmo, na Síria, no Iêmen, Sudão do Sul e outros países em guerra, a pandemia é, talvez, apenas mais um mal para somar-se aos outros.

Enquanto isso, nós, que não estamos em guerra, que estávamos em paz e fomos pegos de surpresa, ficamos apavorados. Foi um grande choque. A vida não nos treinou para essa situação.

É lamentável que, perto da fome, falta de água e sérias dificuldades financeiras, a COVID-19 seja considerada o “problema menor” em muitos lugares.

Em geral, a própria vida nos trás as dificuldades a aprendizados e não precisamos nos esforçar muito para realizar ainda mais penitências.

Ainda assim, as penitências eram ainda mais populares na época de Buda e Jesus. Épocas de muito mais dificuldade, pobreza e sofrimento que as atuais.

Na época da peste negra na Idade Média, um terço das pessoas morreram nos locais atingidos. Em algumas cidades, até mais. Isso destruiu a fé de alguns e renovou a fé de outros.

Não existem respostas simples para nenhuma dessas perguntas. Não é errado desejar a paz e a felicidade.

E nisso tudo reside um mistério doloroso.

Se você perguntar para Deus “por quê?” talvez não haja resposta. Simplesmente porque ela é muito dura de pronunciar.

Épocas difíceis podem tirar o melhor e o pior dos seres humanos. Albert Camus em sua obra “A Peste” conclui que ainda há mais a se admirar do que a desprezar no ser humano.

E se as grandes religiões hesitam em dar discursos em meio a dor, o que o ocultismo, a magia e a magia do caos têm a nos ensinar?

Muito, eu diria.

Há muito mistério no não dito. O ocultismo oculta mensagens difíceis e dolorosas, que exigem uma maturidade imensa para escutar.

Algumas pessoas obtêm consolo em Deus. Outras o obtêm uns nos outros.

E há ainda aqueles que escutam a resposta no silêncio.

Geralmente são os momentos mais dolorosos que ensinam as maiores lições, mas só conseguimos enxergar isso em retrospecto. Enquanto o sofrimento está acontecendo, nós o consideramos diabólico. E só desejamos que ele termine a qualquer custo.

Muita gente diz que não acredita em Deus devido à existência do mal no mundo. Eu costumo dizer que na verdade essas pessoas não acreditam no diabo.

Como Deus pode existir num mundo em que existe o mal? Tem um cara chamado diabo no cristianismo, que arrastou um terço dos anjos. Deus está fora do tempo, mas ele permite que o diabo nos faça sofrer e nos desafie, porque não somos apenas corpo: temos uma alma.

Às vezes esquecemos que temos corpo. E outras vezes esquecemos mesmo é da alma. Parece que nunca achamos um equilíbrio.

Sim, existe dor e morte, mas existem Deus e alma, esperança, amor, outra vida depois dessa. E a outra vida não é apenas desfrutada após a morte, mas em todos os momentos que atingimos Kairos em vida.

No budismo, Kairos é atingido nos estados alterados de consciência. Mas ninguém pode permanecer eternamente em Kairos, porque temos um corpo preso à terra, à realidade material.

Por sua natureza, o corpo está sujeito a dor e morte. Mas a terra não é nossa única natureza.

Todas essas explicações parecem muito belas e coerentes, até que o mal acontece. Até que a dor vem.

Como Deus permite algo assim? Mas nós frequentemente esquecemos que ele permite uma infinidade de coisas boas

também. Mas nós nos entendiamos facilmente com as coisas boas. Até que elas são tiradas de nós: como a simples liberdade de sair na rua e ir até a esquina.

Em guerras é comum que pessoas percam pernas, braços, olhos, nariz, orelhas. Mas nós os damos por garantido.

Eu gosto da reza diária porque é uma lembrança, uma forma de agradecer a Deus por todas as coisas lindas do mundo. Se não temos o hábito diário de agradecer, nós só notamos as coisas ruins e somos mal agradecidos.

Eu gosto da operação de Abramelin porque a reza começa com um agradecimento pelas coisas lindas. Ela te ensina humildade.

Eu gosto dos servidores da magia do caos porque também é uma forma de compromisso diário, de fortalecer uma união, de se importar com um outro ser que é reflexo de nós mesmos. Pode ser reflexo de nossos medos, de problemas, de questões ruins.

Então usamos sigilos e servidores para resolver esses problemas.

Mas nós não somos apenas um amontoado de problemas.

Se criarmos um servidor que nos desafie, que nos coloque à prova, podemos descobrir e despertar outras qualidades dentro de nós: resistência, coragem.

Quando eu nunca tinha feito jejum, achei que jamais aguentaria. Imagine, se eu já fico com fome entre as poucas horas entre duas refeições!

Nós nos surpreenderíamos se descobríssemos do que o ser humano é capaz. Principalmente em situações de dificuldade e em nome do amor.

Quando realizamos somente feitiços para resolver nossos problemas, às vezes vemos a nós mesmos apenas como um amontoado de defeitos: sem dinheiro, sem coragem, sem disciplina, preguiçoso, irritadiço, deprimido, fraco!

Estamos sempre chamando servidores ou lançando sigilos para resolver até as menores coisas. Assim não damos a oportunidade a nós mesmos para testar nossa coragem.

Um servidor que te põe à prova permite que nasça em você o herói: o leão.

O demônio nos derruba e nos faz cair numa profunda noite escura da alma. Porém, essa noite escura é necessária. Em meu livro “A Noite Escura do Caos” eu traço um paralelo entre a noite escura cristã descrita por São João da Cruz e o que eu chamo de uma situação similar em termos caoístas.

A boa notícia é que podemos atravessar a noite. E desfrutarmos da aurora dourada!

Buda também atravessou sua noite escura, sendo tentado por Mara, e atingiu a iluminação junto com a primeira estrela da manhã.

No cristianismo, a Estrela da Manhã é Lúcifer e é ele o Portador da Luz: porque é o diabo que nos tenta para nos mostrar Deus.

É essa história de amor que o filme “O Exorcista” nos apresenta. A princípio, parece um filme de terror qualquer, mas é muito mais. Ele mostra a batalha do ser humano contra o demônio, ou contra si próprio, contra seus próprios medos e fantasmas.

O servidor fantasma é como um demônio que te apresenta os seus fantasmas e te dá a oportunidade de lutar. Então agora que já fomos apresentados, vamos aprender como criar um servidor desse tipo para que você possa lutar.

Normalmente fazemos servidores simpáticos, que possam nos trazer coisas boas, uma cura, algo positivo. Porém, o seu servidor fantasma será o contrário disso.

Ele é seu adversário e deverá te chamar para a luta. Na Bíblia, o Espírito Santo chama Jesus ao deserto para ser tentado pelo diabo.

O propósito, a missão do servidor fantasma será te tentar. Mas o objetivo dele não é humilhá-lo ou derrotá-lo. Claro, deve haver o risco. Sua vitória não pode ser garantida, ou não haveria o perigo, a aventura.

Não basta simular uma situação difícil. Ela deve parecer assustadora.

Você pode selecionar um problema que precise resolver. Vamos pegar algo óbvio: falta de dinheiro. Numa situação de urgência, você, naturalmente (e acho isso razoável) realizará um sigilo para ter dinheiro. Ou usará um servidor normal para isso, para atrair oportunidades.

Nada errado nisso. Porém, digamos que a falta de dinheiro é um problema não somente frequente, mas eterno de sua vida e você jamais parou para investigar isso a fundo. Você culpa, com certa razão, a desigualdade, o passado histórico do mundo, etc.

Mas digamos que você é uma pessoa que nem mesmo sabe quanto dinheiro chegou, para onde foi. Um sigilo para atrair dinheiro é uma medida que lida apenas com o problema imediato e não com a raiz do problema.

Você pode resolver isso temporariamente dessa forma. Mas e depois?

Talvez você considere essa questão um diabo, um fantasma, uma morte, um sofrimento de morte. Então olhe para ela como de fato é.

Convide, vamos supor, o servidor fantasma das suas questões financeiras e o desenhe como você o sente: uma morte, uma dor de morte, a dor da insegurança, de não saber se haverá comida amanhã.

Você segue todo o processo de criação de servidores normais: você nomeia seu problema.

Dar um nome a ele é importante. Assim ele não será apenas mais um fantasma sem nome.

Você o desenha, o retrata da forma que ele te assusta. Todas as características desse servidor fantasma representam seu medo em relação à falta de dinheiro.

Essa é uma questão tão séria que você está mergulhado na depressão e pensa até em suicídio. Porque você não quer falhar com as pessoas que te amam e confiam em você.

Então, eis o seu servidor fantasma, com um nome, com uma cara de demônio, assustador. Ele te visita durante a noite, vocês conversam, ele te tenta.

Mas agora você o conhece. E vocês vão batalhar todas as noites!

No momento do ritual, escreva como está se sentindo com aquela presença. Escreva tudo o que aquela sensação e aquele problema te fazem sentir.

Comece, inicialmente, tentando lidar com aquilo sozinho. No cristianismo clássico, Deus se esconde quando o diabo aparece. Ele só se mostra no último round.

Simule algo parecido. Porém, se você sentir suas energias sendo drenadas a cada encontro, peça ajuda.

Nesse momento, pode entrar outro tipo de servidor em cena. Você pode chamá-lo como preferir: servidor anjo, servidor herói, ou até mesmo o simpático “servidor amigo”, se você quiser um termo mais leve.

Afinal, ele será um companheiro de jornada, pois o verdadeiro herói que irá vencer será você.

Esse é um exemplo de um embate clássico entre um anjo e um demônio na forma de servidores. Mas é ainda mais interessante, porque o seu servidor fantasma tem exatamente a forma do seu medo.

Você quer ser desafiado, para enfrentar seu medo e entendê-lo. Se for demais lidar com ele sozinho, você convoca outro servidor para lutar ao seu lado.

Não se esqueça de obter equipamentos poderosos! O seu servidor de apoio poderá portar uma espada, um escudo ou um cajado mágico. Ele terá poderes que refletirá seus pontos fortes. Pode ser uma réplica de você, porém mais forte e corajoso, como você deseja ser.

Que tal? Agora os servidores fantasmas já parecem mais úteis. Eles têm um papel.

Você pode usar o sistema dos servidores fantasmas para muitas coisas: para combater a preguiça, a gula, a avareza, enfim, já há uma lista pronta dos tais pecados capitais para quem precisar de ideias.

Mas a ideia da magia do caos é ter liberdade para ser criativo. Então o seu servidor fantasma não será apenas “avareza”, de

forma genérica. Ele terá o nome exato do seu problema e um sigilo próprio. Terá uma aparência que te remete à sua questão. Enfim, você irá enfrentar seus problemas e não fugir deles. Irá nomeá-los, entendê-los a fundo e elaborar estratégias de batalha. Não irá apenas buscar uma solução temporária.

Isso é autoconhecimento e a magia do caos é excelente nisso.

Claro que você também pode passar por um processo semelhante através da prática de meditações budistas, através de orações cristãs, muçulmanas ou pelo sistema de Abramelin.

Mas se você acha essas opções entediantes e quer muito se divertir, por que não fazer desenhos, colorir, criar uma casa para seu adversário para depois ter o prazer de demoli-la? Não parece interessante? É como uma piada pronta. Ou um RPG de mesa em que você é o mestre do jogo e dá autonomia relativa aos jogadores.

Não sei quanto a você, mas só de falar disso tudo já começo a imaginar o dragão, o cavaleiro com a espada e toda a aventura de um típico romance medieval de cavalaria.

Um servidor fantasma pode ter vários destinos.

Ele pode ser derrotado e fugir. Ele poderá ser aprisionado numa dimensão ou destruído. Ou ele pode até mesmo se tornar um aliado.

Essas reviravoltas do “jogo” caoísta você não poderá prever. Afinal, é importante entender que servidores não são seus peões. Eles são seres independentes e com autonomia.

Você pode criá-los e comandá-los até certo ponto, porque você é o mestre deles. Mas servidores também podem ficar muito fortes.

Talvez você tenha medo de criar um servidor assim, retratando sua insegurança, e ele se tornar tão forte a ponto de virar um Deus.

Sinceramente, eu não teria esse medo. Se um servidor fantasma seu virou um Deus, há mais servidores em potencial de onde veio esse.

Ótimo, a seguir você irá criar um exército de servidores e declarar guerra a esse Deus que te assombra!

Eu entendo que tudo isso é muito difícil. Não é fácil lidar com os próprios medos. Mas pelo menos será divertido.

E se você quer que seja ao mesmo tempo divertido e efetivo, terá que treinar suas habilidades de criação. O servidor fantasma deve ser um retrato fiel dos seus medos, mas ao mesmo tempo não pode te causar imenso sofrimento a ponto de esmigalhar seu coração nessa batalha ao mesmo tempo simulada e real.

Por isso, você terá que se tornar um grande mestre dos servidores fantasmas: para aprender a manipular esse jogo, essa batalha, com clareza.

Para quem sempre quis participar de uma batalha “de vida ou morte” com espadas, dragões, quimeras, castelos, aí está. Ou se você preferir uma batalha futurista com espaçonaves, vá em frente. O mundo é seu.

Como exemplos de servidores fantasmas no último capítulo posso usar o medo da morte, que é aquele que geralmente mais vem à mente, principalmente na época que estamos vivendo.

Outro fantasma possível é o medo da dor. Digamos que você tem uma doença grave e deve passar por várias cirurgias. Ou está num país em guerra e tem medo de ser mutilado por uma mina ou uma bomba, capturado ou torturado (desculpe, eu ando lendo muitos livros de guerra. Eu nunca consigo esconder os livros que estou lendo, acabo usando nos meus exemplos. Eu sou um livro aberto, com o perdão do trocadilho).

É claro que você pode usar um servidor comum, como o servidor que eu sugeri para combater o coronavírus e nos dar mais esperanças. É bastante lógico e potencialmente efetivo em alguns graus.

No entanto, eu também quero mostrar exemplos de servidores fantasmas. Vamos analisar pelo menos um e depois você poderá se inspirar numa coisa ou outra que sugeri aqui, quem sabe, para criar os seus.

Afinal, uma das coisas mais legais em criar servidores é ter a oportunidade de inventar servidores bem específicos que se encaixem exatamente na nossa situação. E todo o processo de criação também faz parte da magia em si.

Servidores podem ser às vezes maravilhosos e às vezes terríveis. Como a vida. Como a própria magia do caos, com sua caosfera apontando para todos os lados, ansiosa para experimentar todas as possibilidades de aprendizado e sensações.

Aliás, gostaria de mencionar que estou ciente de algumas outras publicações sobre servidores nesses últimos anos, incluindo “The Forty Servants” de Tommie Kelly e outros trabalhos do autor. Infelizmente na época em que as cartas começaram a ser comentadas e ficaram populares no Brasil, eu já estava saindo um pouco de cena do caoísmo, devido à minha aventura no cristianismo. Acho ótimo que surjam novos trabalhos sobre servidores, já que antigamente havia tão pouco sobre.

Eu não “voltei” oficialmente para o caoísmo, até porque eu nunca saí totalmente. Continuo espiando de vez em quando. Confesso que atualmente ando meio parada no que diz respeito a religiões, ocultismo ou espiritualidade em geral. Ainda assim, consigo enxergar a importância que o cristianismo terá na minha vida ainda no final desse ano e no ano que vem. O papel do islamismo e de mais um pouco de Abramelin permanecem em mistério relativo.

Quando você lê demais sobre um assunto e se envolve demais com a turma (seja a “turma” de humanos ou a “turma” espiritual), não tem jeito: você já é da família, não importa que fique de mãos dadas com Deus de um lado e com o diabo do outro. É assim mesmo. Bem que Jesus disse que tínhamos que ser amigos de todos. O problema é quando dois amigos seus brigam e aí você fica lá com cara de bunda sendo bombardeada pelos dois lados. O que você faz nesse caso? Sai correndo? Ainda não aprendi o que se faz em casos como esse. Bem, até Jesus tinha seu Judas.

Para finalizar esse livro fantasma, ou o que quer que ele tenha se tornado, vou exemplificar no último capítulo como se daria a criação de alguns servidores.

Capítulo 4: Modelos

Eu me chamo Maria Maria, ou Maria², que se lê “Maria ao quadrado”. Tenho a impressão de que já fui uma personagem da Wanju Duli em algum de seus livros. Deve ter sido em Agracamalas. Mas eu talvez não seja a mesma Maria. Pode ser que eu só tenha o mesmo nome.

Nessa história eu sou uma magista do caos e vou criar servidores.

Vou seguir o modelo descrito no capítulo 2.

1- Declarar seu intento por escrito

Seguirei com a ideia de construir um servidor para combater o coronavírus. É bastante provável que já existam outros servidores parecidos, mas um a mais será ótimo.

No final, é curioso descobrirmos que realmente temos um corpo além de um cérebro. Esse cérebro não tem servido para muita coisa. Muito menos para ter paciência.

2- Etapa divinatória

Vou consultar meu oráculo para descobrir se é adequado criar um servidor com esse propósito atualmente.

Usarei o método de adivinhação com livros. Irei abrir o livro “O Demônio no Freezer” de Richard Preston numa página aleatória. Era o livro que estava mais perto.

Está escrito isso no trecho que meu dedo tocou:

“Peter Jabrling também descobriu que uma droga antiviral chamada ribaviran pode ser usada com sucesso para curar pessoas que foram afetadas pela Febre de Lassa, o vírus nível 4 que transforma as pessoas em sangradoras”

Eu, Wanju, realmente realizei essa divinação agora, com meu livro. Ainda não terminei de ler esse. Estou na metade, está bem emocionante.

Não sei quanto a vocês, mas me parece uma indicação positiva para começarmos.

3- Visualizando seu ser

Muito bem visualizado, obrigada.

4- Ficha do servidor

Nome do servidor: Coromate

Sobrenome: Rápidoesteputo

Frase: Já viveu bastante, já se multiplicou, hora de a vida acabar.

Mantra: Coromatecoromatecoromateeeeeeee

Cor: vermelho

Elemento: fogo

Planeta: Saturno

Dia da semana: Sábado

Hora: 20:15

Equipamentos: Máscara

Força: Calor do sol, clima seco

Fraqueza: Chuva, umidade, frio

Características: Decisivo

Data de nascimento: 1º de agosto de 2020

Data de morte: 31 de agosto de 2020, mesma hora

Alimento: álcool gel

Desenho:

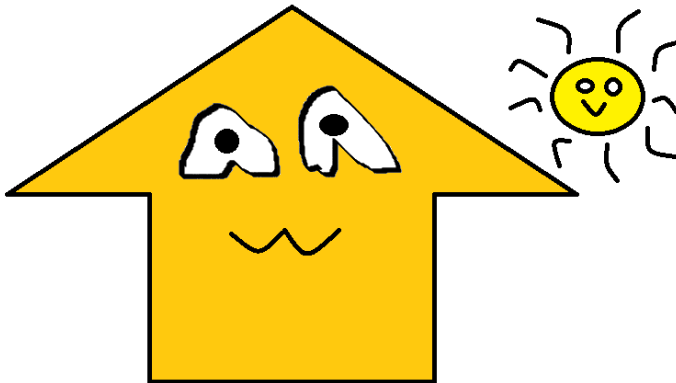
Símbolo/sigilo:

Eu não tenho nada a declarar sobre o desenho abaixo, além do fato de eu ter feito no Paint com o mouse, com a mão esquerda, por causa da dor no ombro direito. Sou destra.



Porra, o nome saiu errado ainda, haha!

5- A Casa

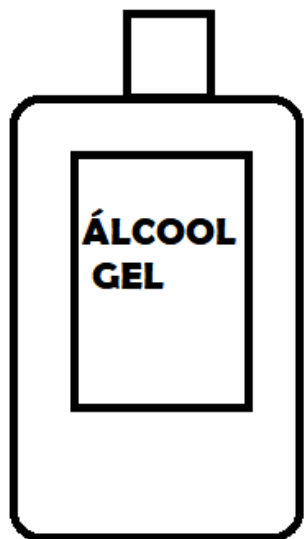


Isso era para ser uma seta, mas eu transformei em uma casa porque eu sou muito esperta

6- Fontes de Energia

O treino no jardim de infância valeu a pena.
Às vezes uma imagem fala mais que mil palavras.

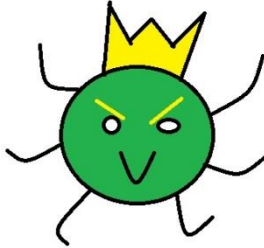
ÀS VEZES UMA IMAGEM É APENAS UMA IMAGEM



**PODE
CONFI
AR**

**SIM
NAÕSIM
MNA**

**EU SOU O MESTRE DO
TEMPLOOOOOOOO**



7- O Nascimento

Meu querido servidor, sua missão está bem clara. Quer que eu desenhe?

8- Minha carta

Darlinggg

Kill

9- Alimentação

Papa gel

10- Morte



Cansei de desenhar com o braço esquerdo. Eu ia desenhar o gelo, mas vamos passar direto para o servidor fantasma, para pouparmos tempo:

1- Declarar seu intento por escrito

Eu declaro que irei criar um servidor fantasma que seja ao mesmo tempo um servidor que causa morte e dor.

Também pode ser usado para tortura e amputações.

Atenção: o servidor não irá causar nenhuma dessas condições. Ele será somente usado como símbolo, como o inimigo que inspira o medo pelo futuro.

O intuito do operante será combatê-lo.

Uma eventual derrota irá gerar apenas medo, não as condições acima descritas.



Eu declaro
Solenemente
Que

Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Socorro.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Me ajude.
Estou com medo.
Estou com medo.
Estou com medo.
Estou com medo.
Estou com medo.
Estou com medo.
Estou com medo.
Estou com medo.
Estou com medo.

Eu não quero morrer.
Eu não quero morrer.
Eu não quero morrer.
Eu não quero morrer.
Eu não quero morrer.
Eu não quero morrer.
Eu não quero morrer.
Eu não quero morrer.
Eu não quero morrer.
Mas eu preciso morrer.
Mas eu preciso morrer.
Mas eu preciso morrer.
Mas eu preciso morrer.
Mas eu preciso morrer.
Para salvar o mundo.
Para salvar o mundo.
Para salvar o mundo.
Para salvar o mundo.
Para salvar o mundo.
Para salvar o mundo.
Para salvar o mundo.
Para salvar o mundo.
Para salvar o mundo.
Para entregar minha alma.
Para entregar minha alma.
Para entregar minha alma.
Para entregar minha alma.
Para entregar minha alma.
Para Deus.
Para Deus.
Para Deus.
Para Deus.
Martírio vermelho.
Martírio vermelho.
Martírio vermelho.
Martírio vermelho.
Martírio vermelho.



Estou sangrando.
Estou sangrando.
Estou sangrando.
Estou sangrando.
Estou sangrando.
Eu aprendi a sangrar.
Eu aprendi a sangrar.
Eu aprendi a sangrar.
Eu aprendi a sangrar.
Cuidado
Com
Os
Degraus
Seu
Idiota
Por que você quer
Sangrar
Abominação?
Eu sou

A Glória
Se quer mesmo
Encontrar
Faça isso
Em silêncio

2- Etapa divinatória

Método divinatório para verificação se devo usar esse servidor.

Livro escolhido: “O Evento Cobra” por Richard Preston:

“—Parece ótimo, mas na verdade é muito cedo para dizer — observou Hopkins.

— Mesmo assim, muito obrigada — respondeu a capitã Each”

Minha interpretação da passagem: tenho autorização para prosseguir, mas há um alerta.

Vou optar por prosseguir.

3- Visualizando seu ser

Um pouco de medo. Não feche os olhos.

4- Ficha do servidor

Nome do servidor: Torturado

Sobrenome Amputado

Frase: Isso machuca.

Mantra: (Torturado diz: Não quero falar)

Cor: (Torturado diz: Não quero falar)

Elemento: Espírito

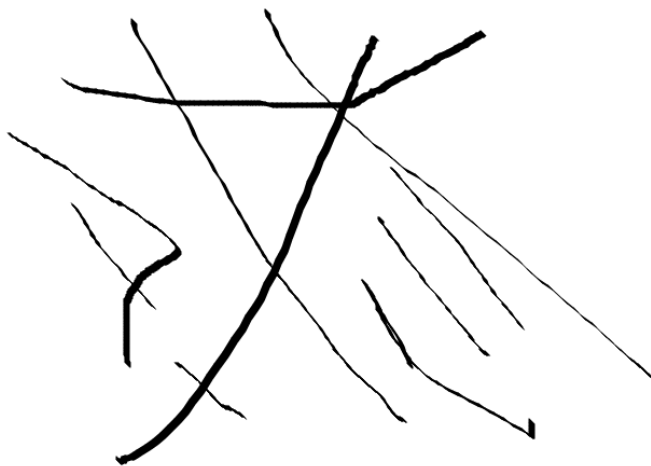
Planeta: Saturno

Dia da semana: Sábado

Hora: 21:30

Equipamentos: (Nada)

Força: Não tenho forças
Fraqueza: Não tenho fraquezas
Características: Torturado e amputado
Data de nascimento: 1º de agosto, às 21:33
Data de morte: 31 de agosto, às 21:33
Alimento: Ele não está com fome agora.
Símbolo/Sigilo:



5- A Casa e o Templo

Ele não quer uma casa.
Torturado mora na rua.
Porque ninguém o ama.
Não há casa para ele.
Mas ele não chora. Ele apenas odeia o próprio nome.

6- Fontes de Energia

“Eu morri” com essas palavras ele se alimenta.

7- O Nascimento

Bem-vindo ao mundo!
Você é tão amado.
Ele parece que ri, mas apenas mostra a boca sem dentes,
numa careta feia.

8- Carta de Boas-vindas

Meu querido servidor,

*Eu não sei o que dizer. Gostaria de consolá-lo e de abraçá-lo.
Mas estamos todos sem braços e sem pernas.*

9- Alimentação

Não quero alimentá-lo. Quero que morra logo. De fome e de frio.

10- Morte

Morra logo.
Ninguém nunca chorará por você.
Não haverá batalha.
Apenas o abandono.

FIM

Eu estou viva
Não olhe para trás